PLINIO SALGADO

DOUTRINA E TÁTICA COMUNISTAS

(NOÇÕES ELEMENTARES)

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA S/A
RIO DE JANEIRO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Para se ter exata noção do perigo comunista e das providências a tomar no sentido de conjurá-lo, cumpre examinar o problema de maneira metódica, verificando:

1.º) — O que é o comunismo como doutrina e como técnica de ação;

2.º) — O que tem sido a linha política soviética, desde a implantação do regime comunista na Rússia.

E particularmente, em relação ao Brasil:

1.º) — Qual a importância da América do Sul (e particularmente do Brasil) no quadro dos objetivos internacionais de Moscou;

2.º) — A situação do comunismo em nosso país e as condições sociais em cujo ambiente êle atua.

De nada vale conhecer a doutrina marxista ignorando a técnica revolucionária leninista, enriquecida pela experiência no exercício do govêrno soviético e nas atividades táticas do Comintern. Igualmente improfícua será a ação anticomunista se se conhecer o que ha de realidade prática na organização, na propaganda e no funcionamento do comunismo, sem se ter noção da doutrina de Marx.

No primeiro caso, ficar-se-á no plano das discussões filosóficas, sociológicas e econômicas, nada percebendo das manobras de tão arguto adversário; e no segundo caso não se poderá compreender o desenvolvimento futuro de fatos muitas vêzes sem importância aparente.

Os que se satisfazem em combater exclusivamente a doutrina são os "sábios inúteis", as mais das vêzes transformados em "inocentes úteis", deixando-se envolver, na

prática, pelos ardis do inimigo. E os que se limitam a lutar contra êsse inimigo usando do critério estritamente policial, arriscam-se a tomar pistas erradas, desnorteando-se num empirismo inconsequente, em razão do desconhecimento da teoria.

Tentámos nêste ligeiro ensaio conciliar a teoria e a prática, a doutrina e a ação, compendiando os conhecimentos necessários a todo aquêle que pretender batalhar contra a maior ameaça que pesa sôbre o genero humano.

Teoria e prática se desenvolvem aqui através de argumentos históricos. São os fatos que falam por si mesmo.

Êste livro é complementado por outro: "Mensagem às pedras do deserto", que circulou primeiro.

A leitura de ambos póde forjar bons combatentes em prol da liberdade e da dignidade humana, da honra e soberania das Nações.

I

DOUTRINA E TÉCNICA DE AÇÃO

1) — Quem estuda o comunismo nas suas origens observa, desde logo, que êsse movimento internacional parte de uma concepção de vida.

Antes do seu aparecimento, as reivindicações populares exprimiam apenas aquela sêde de justiça de que nos fala o Evangelho. A angústia dos oprimidos ergue o seu brado nas letras sagradas e profanas. Nem outro sentido têm a organização social proposta na "República" de Platão, as leis agrárias dos Gracos, a revolução dos escravos chefiada por Spártaco. Não foram alheios à preocupação do equilíbrio social Santo Agostinho e mais tarde Santo Tomás de Aquino. A aspiração de justiça social manifesta-se em séculos sucessivos das maneiras as mais diversas e reflete-se, já em plena Renascença, na "Utopia" de Tomás Moro.

Nos tempos modernos, principalmente a partir do século XVIII, surgiram mais fortemente os anseios de reivindicações, porém sempre com um caráter puramente ético e oferecendo soluções empíricas. Tais anseios estão presentes na Revolução Francesa, no socialismo utópico de Saint Simon e de Fourier, no anarquismo de Proudhon, de Kropotkine e de Bakunine.

2) — O marxismo, chamado pelos seus adeptos

"socialismo científico", apareceu no século passado, não apenas como uma solução proposta ao problema da justiça social, mas — o que representa o ponto mais importante para o estudo de sua mais profunda origem — como uma **concepção de vida** e uma **concepção da história**. O que o Evolucionismo de Spencer representa para o Utilitarismo de Mill, ou seja uma base científica pretendendo substituir a base empírica do conceito moral, o Marxismo representa para o socialismo e o anarquismo também empíricos dos predecessores de Marx.

No que concerne à **concepção de vida** o Marxismo tem suas raizes embebidas no materialismo ostensivo ou disfarçado dos utilitaristas e dos evolucionistas ingleses, nos monistas alemães e nas fontes originárias do positivismo francês, que se encontram no racionalismo do século XVII. Do naturalismo do século XVIII, dos fisiocratas e das doutrinas econômicas de Ricardo, Marx deduziu os princípios da Economia Socialista.

No que se refere à **concepção da história**, o marxismo enraiza-se no "idealismo" alemão de Hegel, o qual confluiu no mesmo leito do materialismo, pelo canal de Fuerbach.

3) — **A concepção de vida** marxista baseia-se num mundo sem Deus e num homem sem **alma**. **É** o materialismo dogmático. **A concepção da história** oferece-lhe a teoria dos movimentos dos fatos sociais, subordinados a um jôgo permanente de **ações** e **reações**. **É** o materialismo dialético.

Da concepção ateista do universo e da vida humana, o Marxismo deduz a sua organização social e a estrutura do Estado, assim como os padrões do comportamento individual e o tipo da massa coletiva.

Da concepção dinâmica da história, deduz a

estratégia e a tática revolucionárias, como meio de precipitar o processo de desenvolvimento do fenômeno capitalista, cuja última consequência é a socialização, por assim dizer, automática dos meios de produção.

O problema comunista, portanto, na sua base, é um problema de cultura. Trata-se de uma interpretação materialista da vida e da história, aceita e propagada, visando a formação de uma mentalidade específica e traçando normas de ação política tendentes a imprimir maior velocidade aos fenômenos da transformação social.

4) — Paradoxalmente, o Marxismo vai buscar o conceito **ideal** da Sociedade, do Estado e do Homem, no experimentalismo científico, ao passo que vai procurar o conceito **prático** da ação política, no idealismo de Hegel, ao qual poderemos chamar: a metafísica da história.

Mas essa contradição torna-se mais patente, no instante em que Lenine introduz no processo revolucionário um elemento novo: o golpe técnico, mediante a intervenção de uma minoria capaz de coordenar as massas populares despolitizadas, delas se servindo para atingir os fins da minoria supervisora. Para conseguir as condições históricas favoráveis ao assalto ao Poder, Lenine adotou a linha sinuosa do oportunismo e do maquiavelismo, contrariando, na aparência, princípios fundamentais do Marxismo. É nessa altura que se estabelece a cisão (setembro de 1915, em Zimmerwald-Suissa) na Internacional Socialista, ficando pràticamente fundado o partido bolchevista na Rússia, assim como lançadas as bases da III Internacional. As críticas de Kautzky a Lenine já haviam erigido o divisor das águas entre os marxistas puros e os marxistas revolucionários leninistas. Agora, em Zimmerwald,

definem-se as posições dos mencheviques de Martow e Axelrod e os bolcheviques que principiam apenas com os sete votos favoráveis a Lenine.

Era tão insignificante o grupo leninista dois anos antes de tomar o Poder, que os próprios marxistas revolucionários alemães, chefiados por Liebknecht e Rosa Luxemburgo, não lhe davam a menor importância.

5) — Segundo tôdas as previsões do Marxismo, os países que ofereciam mais probabilidades à implantação do regime comunista eram os industrialmente mais adiantados: a Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos e algumas nações da Europa Ocidental.

No entanto, contrariando tôdas as leis ditas científicas de Marx, foi o comunismo implantado na Rússia, país de segunda categoria industrial e preponderantemente agrário. Deveu-se êsse fato à nova técnica adotada por Lenine, que soube se aproveitar, para os seus fins, exatamente dos valores opostos à concepção de vida e de história de Marx, ou seja o secular misticismo do povo russo, a inconsequência dos intelectuais, a confusão das classes média e submédia e o fatalismo — formidável fôrça estática das massas camponesas incapazes de reagir até mesmo por um exagerado sentimento de resignação cristã que lhes determina "não lutar contra o mal".

Confirmava-se, na Rússia, a lei psicológica de Sorel, quando atribuiu a energias puramente místicas a potencialidade do mito revolucionário.

6) — Inicialmente, o partido bolchevique não desfraldou a bandeira ostensiva do comunismo. Verificando que o Czar havia sido deposto em abril de 1917, pelos social-revolucionários e populistas, radicais e agrários, unidos aos liberais e aos mencheviques e apoiados pelos operários de Petrograd, sob

a chefia de Kerensky; e notando que se organizavam, com grande êxito, à semelhança da comuna de Paris, pequenos parlamentos locais constituidos por soldados, marinheiros e camponeses, sob o nome de "sovietes", Lenine entra na Rússia no célebre trem blindado que lhe deu o Estado Maior Alemão, e logo finge abandonar o exclusivismo faccioso dos bolcheviques para lançar o grande **slogan** "todo o poder aos sovietes". E, ao mesmo tempo que se infiltra nas organizações soviéticas, lança outros **slogans** de imensa oportunidade: **paz imediata** (e não havia uma família que não estivesse cançada de ver morrer filhos, maridos, irmãos e pais...); **pão para todos** (e as restrições naturais em tôda guerra tornavam a comida uma preocupação geral...); **terra para os camponeses** (e isto era um velho sonho dos que lavraram o solo dos latifundiários...); **liberdade irrestrita** (e essa é a frase mágica usada por todos os que pretendem levar o povo para onde queiram).

7) — A campanha bolchevista surte os efeitos desejados: conquista as simpatias dos sovietes (que eram uma espécie de organização associativa sem nenhuma relação com o comunismo) e, pouco a pouco, termina pela dominação completa dessas pequenas assembléias disseminadas pelo país; ganha a confiança da soldadesca desejosa da paz em separado com a Alemanha, o mais rápido possível; e, nêsse ambiente, Lenine e seus adéptos procuram apresentar-se como perfeitos democratas, exigindo a convocação da Assembléia Constituinte.

Procedem-se as eleições; os bolcheviques levam às urnas 9 milhões de votos contra 21 milhões alcançados pelos seus adversários. Mas êsses nôve milhões não pertencem ao partido de Lenine. Não per-

tencem e Lenine não quer que pertençam. Êle repudiava tôda a idéia de um partido de massas.

O partido bolchevique é uma espécie de igreja, de ordem religiosa. Explicando a Trotzky certas expressões do folheto famoso intitulado "Que fazer?", Lenine diz: "O partido dirige a grande massa da classe trabalhadora, que em sua totalidade, ou quase totalidade, trabalha sob a supervisão e direção do partido, sem pertencer a êle nem possuir capacidade para a êle pertencer".

8) — Os 21 milhões de eleitores contrários ao bolchevismo estão espalhados por todo o vastíssimo interior do país; os 9 milhões favoráveis ao bolchevismo concentram-se nos aglomerados urbanos. Lògicamente, a minoria (que era constituida de apenas uns poucos milhares, inscritos no partido) dispunha de fôrça com que esmagar não sòmente os 21 milhões de adversários, mas ainda os 9 milhões de iludidos pelos **slogans** lançados por Lenine. Em suma: podia esmagar tôda a Nação.

Essa fôrça foi usada. A Assembléia Constituinte durou um dia apenas; as galerias, segundo relata Chernov, presidente da Mesa, estavam repletas de desordeiros; a gritaria era infernal e nem os oradores, nem o presidente conseguiam fazer-se ouvir. A sessão encerra-se convocando-se outra para o dia seguinte. Mas quando os deputados se dirigem ao palácio para ocupar suas cadeiras, encontram as portas fechadas e soldados de fusil ao ombro, a guardá-las. Os bolcheviques tinham tomado o Poder.

9) — Quando os marinheiros, soldados, camponeses e operários de Petrogrado e de Kronstadt, que foram os mais decisivos elementos do golpe de Estado a favor dos Sovietes, deram pela mentira dos bolcheviques, verificando que o partido de Lenine havia escravizado as organizações soviéticas e im-

posto um regime de ferro para abafar as queixas dos operários, estourou a rebelião de 1918. Mas essa mesma trazia o inevitável caráter do povo russo: era uma rebelião pacífica, pretendendo obter por meios suasórios as reivindicações de liberdade e de justiça.

Trotzky, o organizador do Exército Vermelho, enquanto Zinoviev mentia pelos jornais e pelo telégrafo, dando uma feição reacionária tzarista ao movimento de rebeldia dos marinheiros, operários e camponeses, esmagou sangrentamente os idealistas de Kronstadt. E, desde então, 180 milhões de russos foram escravizados definitivamente por uns poucos milhares de homens, cujo segrêdo de êxito consistiu em desintegrar tôdas as fôrças nacionais, por meio de mentiras e confusões.

10) — Postos, nêste capítulo, em evidência, os princípios doutrinários do comunismo e a sua técnica de ação prática, examinemos a política interna e externa da União Soviética, desde a implantação do regime vermelho na Rússia.

II

POLÍTICA SOVIÉTICA DE 1917 A 1929

1) — Foi uma ilusão de Lenine, baseada no êxito por êle obtido em seu país a esperança de que, ao terminar a primeira Grande Guerra, deflagrar-se-ia a revolução socialista na Europa, a começar pela Alemanha. O seu raciocínio retomava a lógica marxista. Se num país agrário e secundàriamente industrial, fôra possível a implantação do comunismo, com muito maior razão os países de grande concentração industrial estariam em circunstâncias mais favoráveis.

Na verdade, a revolução estalou na Alemanha, mas não logrou êxito; nos demais países nem mesmo se esboçou qualquer movimento.

Foi nessa altura que a Lenine e seus companheiros ocorreu o plano de fazer da Rússia a base militar e financeira da revolução comunista mundial. Como primeira tentativa, a União Soviética desencadeou uma guerra contra a Polônia. O fim era a anexação daquêle país, abrindo-se ao exército vermelho as portas da Alemanha.

Quando as tropas soviéticas se aproximaram de Varsóvia, Lloyd George, primeiro ministro inglês, propôs que a paz fôsse assinada em têrmos excessivamente favoráveis à Rússia, pois correspondia à anexação pelos soviéticos de todo o território que,

mais tarde, de sociedade com Hitler, a União Soviética conquistou conservando-o mesmo depois da derrota do nazismo, isso com o assentimento das Nações Unidas... Mas Lenine rejeitou o oferecimento britânico, declarando que seu fim era conquistar a própria Capital da Polônia.

O Soviete de Petrogrado, sob a presidência de Zinoviev, proclamava: "Nada de paz com a Polônia, até que seja quebrado o poder da burguesia e implantado o comunismo naquêle país". Algum tempo depois, Lenine explicou seus motivos, que eram romper através da Polônia, sovietizar a Alemanha e atacar as nações ocidentais da Europa. Essa explicação se encontra no seu discurso de 2 de outubro de 1920, constante de suas Obras Selecionadas, terceira edição russa, volume 25, página 402.

Nêsse mesmo discurso, Lenine repreendeu aquêles que procuram distinguir "guerras de defesa" e "guerras de conquista", e combateu o pacifismo, dizendo que os comunistas seriam imbecís e criminosos "se se declarassem algum dia a favôr da paz"...

2) — A derrota do exército vermelho assegurou a independência da Polônia e a Rússia Bolchevista recuou, introvertendo-se e mergulhando no estudo de um novo planejamento de conquista do mundo. A revolta de Kromstadt, de que tratamos no capítulo precedente, muito fizera pensar a Lenine e aos líderes comunistas sôbre a própria situação interna do seu país, mal saido da guerra e da revolução, com a economia desorganizada e a fome aconselhando o povo ao desespêro.

Urgia, antes de tudo, consolidar o regime, o que se tornaria impossível com a aplicação rigorosa e ortodoxa dos princípios comunistas. Foi então que Lenine lançou os postulados da Nova Economia Po-

lítica (a NEP), que consentia num recuo ideológico, suspendendo-se qualquer idéia de socialização imediata de todos os meios de produção. Permitiu-se aos camponeses a posse individual das terras e consentiu-se a existência de comerciantes por conta própria em todo o território da União Soviética.

3) — Essa Nova Economia Política trazia uma vantagem internacional. Os países capitalistas do Ocidente logo se convenceram de que na Rússia houvera uma espécie de golpe termidoriano ex-ofício, volvendo os revolucionários ao bom senso, como acontecera na Revolução Francesa. Podia-se, pois, comerciar com os comunistas...

Quando Lenine morreu, as coisas ainda se tornaram melhores para os interêsses comerciais do Ocidente. Da divergência entre Trotzky e Stalin, de que êste saiu vencedor, surgiram as diatribes daquêle contra êste, nas quais Stalin era acusado de "pequeno Napoleão" e até de fascista. E os capitalistas do Ocidente rejubilaram-se convencidos de que se dera na Rússia um golpe de Brumário, devendo, por conseguinte, a revolução retroceder como acontecera em França no século passado.

Stalin serviu-se dêsse estado psicológico criado nos países capitalistas para obter dêles tôda a sorte de auxílios, quer sob a forma de um amigável comércio de importação e exportação, quer sob a de empréstimos para o incremento das indústrias na U.R.S.S. O que o capitalismo quer é ganhar dinheiro, pouco se incomodando com o aspecto moral dos seus negócios, e uma vez que lhe eram asseguradas garantias de lucros e de intangibilidade, êsse capitalismo sem alma tudo facilitou ao comunismo russo.

O novo plano de larga estratégia no sentido da conquista do mundo teve como base a consolidação

do sistema na Rússia e a transformação desta em base ideológica, econômica, diplomática e militar da revolução internacional comunista. Uma distinção foi feita para iludir a imbecilidade capitalista do Ocidente: o govêrno russo era uma coisa e o Comintern era outra coisa sem nenhuma ligação aparente com aquêle.

Ao Comintern competia a propaganda do comunismo nos outros países do mundo; ao govêrno russo a realização do socialismo na União Soviética; mas o Comintern era constituido pelos próprios chefes do Partido Comunista Russo e o dinheiro para suas despezas provinha dos cofres de Moscou alimentados pelo desenvolvimento econômico que o capitalismo ocidental propiciava... Em última análise, o capitalismo (principalmente o alemão, o inglês e o francês), estimulando a economia russa, era quem pagava a propaganda internacional contra si mesmo.

4) — Nêsse período histórico, Stalin — aproveitando-se das facilidades externas e da situação interna criada pela Nova Economia Política — consolidou, não apenas as finanças, mas o poder do Estado. Foi organizada a polícia política mais terrível do mundo, remodelando-se a Tcheca sanguinária em bases técnicas sob a denominação de G.P.U. e, posteriormente aprimorando-se êsse aparelho de vigilância, perseguição, compressão e extermínio, sob o nome de N.K.V.D.

Tinha chegado o instante em que a Nova Economia Política deveria dar lugar à socialização em massa, à prática do comunismo abertamente, o que iria super-elevar-se a onipotência do Estado. E Stalin lançou a guerra interna contra aquêles mesmos que êle autorizara a lavrar as próprias terras e a exercer o comércio como iniciativa privada. Foi o

quadro dantesco de 1929 a 1933. O sistema adotado era o da "fome organizada e dirigida pelo govêrno". Aos pequenos proprietários de terras (os kulaques) retiravam-se tôdas as safras, de sorte a obrigá-los a aceitar o trabalho escravo nas fazendas coletivas (Kolkoses). A mortandade foi de 3 a 7 milhões entre homens, mulheres e crianças, segundo os cálculos de Chamberlin, Duranty e Gareth Jones, que percorreram, principalmente os férteis campos da Ucrânia.

E, entretanto, as colheitas eram formidáveis, tendo sido Kaganovich homenageado pelo govêrno pelo êxito dessas colheitas, devidas à engrenagem dos Departamentos Políticos que superintendiam o assalto aos celeiros. Stalin, na Conferência Agrária dos Marxistas, em 27 de dezembro de 1929, pronunciou um discurso afirmando: "Atacar os Kulaques quer dizer esmagá-los, liquidá-los como classe. Sem isso, o ataque é uma declamação, um simples arranhão, um barulho inútil, nada de um ataque bolchevique real".

A safra descomunal foi utilizada no exterior, como todos devem se recordar, produzindo o **dumping**, que perturbou o mercado mundial do trigo. E como o movimento de produção não se referia sòmente aos produtos agrícolas, mas também a outros, tivemos nêsse período o ingresso da gasolina soviética nos mercados mundiais. A tragédia do povo russo durou cinco anos e o govêrno de Moscou, em 1935, fortalecera-se economicamente e polìticamente, submetendo à escravidão milhões de súditos. Era o instante de enrijar os músculos do Estado Soviético, eliminando todos os concorrentes intelectuais ou históricos de Stalin. E veio o expurgo de 1936, em que pereceram Bukarine, Zinovief, Kamenev, Yagoda, Yuzef, Kirov, Krestinsky, Tukhachevsky e

outros chefes, liquidando-se em tôda a Rússia cêrca de três milhões de homens e mulheres.

5) — A essa altura, Stalin já se sentia preparado para uma ação mais decisiva no exterior. O Comintern trabalhava ativamente em todos os países do mundo. Como preparação à invasão ideológica da China e à estratégia militar no Extremo Oriente, Moscou tomara em 1929 a iniciativa de uma guerra agressora àquêle país, embora pouco antes Stalin tivesse subscrito o pacto Briand-Kellog, que proibia guerras como instrumento de política nacional. E a China teve de sujeitar-se à imposição russa de atravessar o seu território com uma estrada de ferro.

Mas isso era pouco. A Revolução Mundial, preconizada por Lenine e Trotzky, a qual fôra adiada para que o regime vermelho se consolidasse na Rússia, essa Revolução Mundial se apresentava agora como o tema que convinha retomar com segurança, pois havia chegado o seu momento a sua oportunidade histórica.

A ação da Rússia a partir dêsse momento será o assunto do próximo capítulo.

III

POLÍTICA SOVIÉTICA DE 1929 A 1939

6) — Stalin colocou-se em oposição a Trotzky pelo fato dêste pregar a revolução internacional, sem pausa, e entretanto foi o mesmo Stalin que organizou o Comintern, para o fim exclusivo de promover a conquista das nações.

A diferença entre Trotzky e Stalin está nos métodos. Aquêle pretendia o ataque direto, frontal, a luta aberta, a luta imediata, a sublevação em todos os países. Êste preferiu sempre a linha sinuosa, a célebre "linha justa", que consiste em variar de atitude conforme as circunstâncias e principalmente, em mentir ocultando os fins verdadeiros das posições políticas adotadas.

Política de habilidade, de cambalachos, de despistamentos — eis a política stalinista. Política descoberta, de golpes diretos — eis a política de Trotzky.

A principiar pela maneira como Stalin se apoderou do comando supremo da U.R.S.S., tudo evidencia nêle a raposa astuta, a hiena que espera as caladas da noite para devorar os cadáveres já entrados em decomposição.

7) — Trotzky foi cruel, demonstrou essa crueldade muitas vêzes, principalmente no bombardeio de Kronstad; mas nunca poderemos chamá-lo de

covarde. Ao contrário, Stalin jamais assume a responsabilidade dos seus atos; manda matar e pune depois o executor dos assassínios, como fêz com Yagoda e posteriormente com Yuzef; extermina milhares de oficiais do exército polonês na floresta de Katin e acusa os alemães dêsse crime; reparte a Polônia com Hitler e o seu representante senta-se como juiz em Nuremberg para julgar os chefes hitleristas; proclama a liberdade religiosa e promove a campanha ateista e a perseguição aos padres; premedita, resolve e executa o envenenamento de Máximo Gorki e faz punir o médico que aplicou a injeção fatal; une-se a Hitler, para animar os nazistas a se empenharem numa guerra, manda Thorez pregar a sabotagem e o derrotismo no exército francês, e quando a sorte das armas pende a favor dos aliados, negocia secretamente com Churchill a sua mudança de campo (o que ficou provado num discurso do "premier" britânico muito antes da invasão nazista na Rússia...); e, para preparar todos êsses acontecimentos, favorece a subida de Hitler ao poder...

Nunca o mundo produziu um político mais falso, mais mentiroso, mais cínico do que Stalin. Mas não se pode negar que êle joga com dados psicológicos positivos e que a sua ação é ditada pelas circunstâncias históricas.

8) — Submeter-se às circunstâncias históricas não significa ser fatalista. Pois Stalin, apenas, não age contra as circunstâncias, mas sabe aproveitar-se delas revertendo-as em seu favor. Ainda que seja preciso praticar atos e pronunciar palavras contrárias a tudo quanto tenha anteriormente feito ou falado.

Consiste nisso tôda a técnica política do Comintern. Técnica rigorosamente leninista, pois não

há quem, mesmo mediocremente informado sôbre a história da Rússia entre 1905 a 1923, ignore os métodos oportunistas de Lenine. O bolchevismo (forma leninista do comunismo, como o comunismo é a forma marxista do socialismo utópico dos franceses) sempre foi a teoria e a prática do aproveitamento dos "inocentes úteis", isto é, dos reformistas, dos nihilistas, dos anarquistas, dos esquerdistas em geral e das massas ignaras, em resumo, para os fins da conquista do Estado por uma minoria ativa e politizada.

9) — Realizado o Plano Quinquenal, destruidos os kulaques, fortalecido o Estado pela polícia política (Guepeú, depois N.K.V.D., depois M.V.D.), e consolidado o domínio de Stalin pelo expurgo dos trotzquistas e dos suspeitos em 1936, era chegado o momento de pôr em prática, nem mais nem menos do que a própria doutrina de Trotzki, ferozmente combatida pelo intrigante e tenebroso georgiano.

É que êle idealizara a Rússia como a base concreta da revolução mundial e, para isso, precisava, antes de tudo, construir a base econômica e militar do regime vermelho. Idealizara e realizara. Era chegado, portanto, o momento de provocar aquilo que Lenine julgava indispensável à eclosão revolucionária dos povos: a guerra.

A hiena precisava de cadáveres. Mas a hiena espera que o leão ou o tigre se arrisquem no combate e deixem a carniça à disposição na noite trágica. A hiena, nêste caso, precisava de um leão, que promovesse a guerra e criasse as circunstâncias propícias à revolução internacional que o tolo do Trotzki pretendia deflagrar sem condições históricas favoráveis.

Foi nêsse momento que Stalin resolveu fazer o partido nazista da Alemanha subir ao poder. Era o

nazismo um partido militarista, cuja mística era feita de ódio, o ódio dos vencidos de 1918; cuja doutrina estava fortemente impregnada pelas influências de Niestzche, o forjador do Super-Homem, e de Chamberlin e Gobineau, os forjadores da Super-Raça. O nazismo era a ressurreição de Bismarck e de Frederico II. Era a doutrina da violência. A sua ascenção ao poder significaria, certamente, a aproximação da guerra. E a guerra era imprescindível para criar no mundo uma situação de fome, de miséria, de desespêro, de confusão, dentro da qual o Bolchevismo poderia atuar estimulando a revolução dos povos.

O nazismo obtivera 23 milhões de votos, mas perdera a eleição. E Stalin aguardou o primeiro pleito eleitoral na Alemanha. Com os votos dos comunistas, Hitler certamente subiria ao poder. E as eleições vieram. E de Moscou chegaram ordens secretas para que o partido comunista alemão retirasse para a Dinamarca todos os seus arquivos, esforçando-se, em seguida, pela vitória de Hitler. Muitos comunistas alemães não concordaram com essa ordem de Moscou, pois sabiam que, vencendo o nazismo, êles, comunistas, seriam esfacelados. Fizeram essa ponderação. Mas Stalin respondeu-lhes que era preferível sacrificar o partido comunista alemão e, com isso, conquistar o mundo. Nas eleições imediatas, Hitler foi vitorioso. A guerra agora era inevitável.

De 1933 a 1939, o nazismo preparou a Alemanha para a guerra. Preparou economicamente, industrialmente, militarmente. Alargou os domínios do Reich com a conquista da Áustria e de parte da Tcheco-Slováquia. Nos meados de 1938, já a Alemanha estava em condições de atirar-se a uma aventura. Mas as outras Nações não estavam ainda

preparadas. Por isso vinham cedendo quase tudo às exigências de Hitler.

10) — Litvinov é incumbido de preparar o espírito de animosidade das nações democráticas contra o nazismo. O Comintern acabava de ser estruturado por Dimitrof. A doutrina comunista tinha feito progresso em todos os países ocidentais. Mas os partidos comunistas eram ainda minoria na França, na Espanha, nos outros países. Era preciso coordenar os "inocentes úteis", para uma campanha que não parecesse comunista, mas que na realidade fôsse comandada pelos comunistas. Organizaram-se as chamadas "frentes populares".

IV

POLÍTICA SOVIÉTICA DE 1939 A 1956

1) — Antes de entrármos na apreciação das consequências das atividades de Litivinov junto às democracias do Ocidente, examinemos alguns aspectos do desenvolvimento dialético da revolução comunista.

Quando surgiu o bolchevismo na Rússia, êle se apresentava como a "antitese" do sistema liberal capitalista. A "antitese" fundiu-se com a "tese", produzindo a "sintese" que se intitulou "Ditadura do Proletariado". Realmente, fôra consentida naquêles primeiros tempos a propriedade privada e o comércio nas mãos de particulares. Instaurava-se na Rússia a Nova Economia Política, ou NEP. Assim era necessário, para que o Estado Socialista pudesse empreender a construção econômica do país, marchando, pouco a pouco, para uma socialização mais ampla, que terminaria com a usurpação das terras doadas aos camponeses para a constituição dos "kolkoses", ou fazendas coletivas. O Capitalismo da Alemanha, da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos não duvidou em abrir créditos ao govêrno vermelho, que se apresentava, assim, tão moderado e com a tendência para um regresso no domínio das concepções econômicas. E, assim, após a morte de Lenine, pôde Stalin continuar a obra do fortale-

cimento econômico da Rússia e a sua crescente industrialização, uma vez que não lhe faltavam as maquinarias e os técnicos do Ocidente. O capitalismo nada mais vê além dos seus interêsses imediatos e coisa alguma percebe fora da sua concepção balconista da vida...

Mas a "síntese" Leninista-Stalinista, por sua vez se transforma em "tese" e encontra a sua "antitese" em Trotzki. O "trotzkismo" representa a linha pura do bolchevismo, isto é, da revolução permanente, de amplitude universal. Não se conforma com o tipo de Estado nacional-socialista predominante na Rússia Soviética.

Êsse Estado Nacional-Socialista tem um largo plano a executar:

1.º — A construção econômica da Rússia, a sua industrialização, como base indispensável ao poderio militar;

2.º — A preparação militar para as guerras de conquista;

3.º — Uma política externa objetivando a eclosão de uma guerra, da qual a Rússia deveria tirar os proveitos políticos alargando a sua área de influência e domínio;

4.º — A perturbação da economia das nações liberais-burguesas, diretamente através de "dumpings" desequilibradores do mercado em relação a certos produtos (trigo, petróleo) e indiretamente pelo acirramento da "luta de classes" mantida pelo órgão internacional da propaganda (Comintern).

2) — Como a "antitese" trotzkista era um elemento perturbador da ordem interna, Stalin tratou de eliminá-la. Sob o pretexto de punir o assassinato de Rikof, praticado pela própria polícia soviética (G.P.U.), abre-se um vasto inquérito em que são envolvidos os amigos de Trotzki (Kamenef,

Riazanov, Bucarini e outros) os quais, sob os tremendos libelos de Vichinski, são condenados e fuzilados.

Com uma mortandade superior a um milhão de pessôas, consolida-se a "tese" nacional-socialista representada por Stalin. Segue-se o novo plano quinquenal, agora denominado stakanovista, baseado no trabalho escravo, e a Rússia fortalece-se, preparando-se para a guerra.

É a fase stalinesca do processo dialético da revolução internacional.

3) — Preparado o espírito das nações demo-liberais para a guerra, o que foi obra de Litivinov, criadas as frentes populares antifascistas, restava promover o conflito. Ora, alí estava a Alemanha, com um partido no poder, cujas idéias se baseavam na teoria do espaço vital, no racismo, na aspiração de hegemonia germânica na Europa.

Tudo indicava a guerra, desde os primeiros tempos do nazismo no govêrno. Mas Hitler, certamente, temia atacar o Ocidente, tendo à retaguarda a Rússia Soviética. É então que Litivinov deixa a pasta do Exterior, assumindo-a Molotof, amigo íntimo de Ribentrof, o Ministro dos Estrangeiros da Alemanha.

Algum tempo depois, era assinado o pacto germano-soviético, em cujas cláusulas secretas estava a partilha da Polônia e o assentimento alemão para que a Rússia pudesse alargar seu litoral no Báltico, sacrificando a Lituânia, a Estônia e a Letônia.

A guerra explodiu a 4 de setembro de 1939. A Rússia limitou-se a ocupar a metade oriental da Polônia com o Exército Vermelho, anexando definitivamente aquêle território ao seu império. E aguardou os acontecimentos. Lembro-me do discurso que Stalin pronunciou nessa ocasião e que foi traduzido

pelo rádio em diversas línguas. Dizia êle: "Esta guerra não passa de uma etapa do desenvolvimento dialético da revolução internacional".

4) — Se a Alemanha fôsse vencedora, a partilha da Europa já estava assentada entre Stalin e Hitler. Mas a guerra moderna é sobretudo, de materiais estratégicos e cumpria a Stalin verificar se Hitler poderia vencer antes que se exgotassem suas reservas de minerais e de combustíveis. Ao cabo dos dois primeiros anos da guerra, a Alemanha já se estava exaurindo quanto a êsses materiais, ao passo que seus adversários, com centros de produção longe do teatro da luta e a salvo de bombardeios, acumulavam tremendas reservas. A essa altura, Stalin contramarchou e fez chegar por vias indirétas ao conhecimento do Estado Maior Alemão, que a Rússia se preparava para entrar no conflito contra o Eixo. Ora, a ciência militar ensina que a melhor defensiva consiste numa ofensiva oportuna. Assim, Hitler tomou a iniciativa da invasão da Rússia.

5) — Ao terminar a guerra, Stalin obteve de Roosevelt tudo o que lhe seria necessário para enfrentar os próprios Estados Unidos. Em Yalta consumou-se o grande crime contra a Humanidade, concedendo-se aos bolchevistas:

a) anexação da parte da Polônia que Hitler havia doado a Stalin;

b) anexação da Lituânia, da Estonia e da Letônia;

c) invasão da Europa pelo Ocidente afim de preservar o domínio russo nos Balkans;

d) contrôle pela Rússia da Estrada de Ferro do Norte da Mandchúria, velho sonho dos Czares, em razão do qual se dera a guerra russo-japonesa em 1904, o que significava o domínio estratégico militar da China;

e) anexação das ilhas Curilas e da totalidade da ilha Sakalina;

f) organização de um exército do Partido Comunista Chinês ao lado do exército nacional da China;

g) exigência a tôdas as nações que desejassem participar da Organização das Nações Unidas de livre exercício partidário do comunismo e de relações diplomáticas com a Rússia Soviética;

h) ocupação da Alemanha Oriental pelo Exército Vermelho, razão pela qual, mais tarde, a coluna americana do general Patton foi obrigada a retroceder para dar lugar às tropas russas;

i) participação da Rússia no ato da capitulação japonesa, embora a Rússia nunca tivesse estado em guerra com o Japão, concessão essa que determinou a ocupação militar pela Rússia da Coréia do Norte, a consequente invasão da Coréia do Sul e o sacrifício de vidas de milhares de jovens americanos;

j) não aceitação de propostas de paz de qualquer govêrno que substituisse o nazismo na Alemanha, afim de impedir que esta nação pudesse conservar-se íntegra, constituindo um Estado tampão entre a Rússia e o Ocidente da Europa.

6) — Tendo conseguido tudo isso, a Rússia tornou-se uma potência formidável: anexou parte da Finlândia, parte da Tcheco-Eslováquia, parte da Rumânia; implantou o comunismo nêsses países e mais na Bulgária e na Hungria; dominou inteiramente os Balkans e a Europa Oriental; promoveu a guerra dos comunistas chineses contra o govêrno de Chiang-Kai-Cheque e conquistou tôda a China; avançou com os testas-de-ferro chineses sôbre a Indo-China, passou a exercer influência decisiva sôbre a política externa da Índia; tornou-se o elemen-

to perturbador da ONU, agindo como um dos Quatro Grandes.

7) — Estava terminado o ciclo Stalin da política russa. E, agora, quando o mundo ocidental começava a temer tão poderoso inimigo, organizando a NATO na Europa, armando psicològicamente as demais nações do mundo contra o bolchevismo, eis que a "síntese" representada pelo Estado Soviético defronta-se com o impositivo histórico da anti-tese trotzquista, que ressurge com as características da II Internacional. Da fusão dessa "tese" e dessa "antitese", a tese Stalin e a antitese Trotzki, surge a síntese "Bulganin-Kruchevsk".

É a retomada das posições para a revolução mundial. É preciso desarmar os espíritos, dar a impressão de que na Rússia já não há o comunismo truculento, mas uma forma de govêrno mais branda, mais democrática. Elimina-se Beria; afasta-se do poder Molotof; faz-se severa crítica a Stalin; os chefes bolchevistas transformam-se de tigres sanguinários em mansas ovelhas e visitam Londres, a mais tradicionalista das capitais burguesas.

Tito, que representava o papel da Menina do Chapeuzinho Vermelho diante do lobo Stalin, é convidado agora pelos cordeiros do Kremlin para uma visita cordial. E lá se vai. Êle nunca esteve, na realidade, brigado com Moscou; apenas desempenhava o seu papel, aguardando o momento de entrar em cena como prova de que a Rússia, afinal, já não oferecia perigo para o feroz comunismo da Iugoslávia.

Para melhor iludir o mundo burguês, os jornais soviéticos publicam as mais terríveis acusações a Stalin. Isto fortalece a convicção de que a Rússia, agora, é uma democracia com a qual se pode conviver. E Stalin, no outro mundo, ha-de sorrir co-

fiando seus bigodes, a dizer: "Bravos! Êstes meus discípulos estão me saindo melhor do que a encomenda..."

E, enquanto a Rainha da Inglaterra recebe o convite de Moscou para uma visita com todos os protocolos tradicionais do medievalismo britânico e das etiquetas de Catarina II, os comunistas de todos os países, unindo-se a socialistas moderados, a trabalhistas, a liberais, evitam conflitos e violências, infiltrando-se nos postos chaves das organizações burguesas e das administrações governamentais.

É o desenvolvimento dialético da revolução internacional. Talvez, ao fim desta fase em que se destacará a estupidez das chamadas classes conservadoras, amanheçamos, um dia, em pleno regime vermelho...

Tem razão o sr. Edgard Hoover, diretor da FBI, quando, com trinta e nove peritos em assuntos soviéticos, anunciou no dia 19 do mês passado que a nova política e tática do Kremlin "constituem para o mundo uma ameaça maior do que o próprio stalinismo".

Vejamos, por exemplo, nos próximos meses, o que significa a substituição de Molotof por Chapirof na pasta do Exterior. Lembremo-nos de que a substituição de Litvinov por Molotof significou o fato mais grave que precedeu, em 1939, o troar dos canhões em Dantzig e o comêço da catástrofe cujas trágicas consequências estamos hoje sofrendo...

V

A AMÉRICA LATINA (E PARTICULARMENTE O BRASIL) NOS PLANOS DE MOSCOU

A importância do Brasil no plano de conquista do mundo pela União Soviética baseia-se em quatro motivos principais, que são os seguintes:

1) — o moral-psicológico, pela influência que êsse país exerce sôbre as demais repúblicas sul-americanas, tendo-se em vista a sua extensão territorial, a sua população e a sua tradição histórica;

2) — o político, pela quebra do pan-americanismo, que envolve numa só expressão de interêsse internacional as três Américas, segundo a tradicionalidade do conceito de Monroe e a objetividade prática dos sucessivos Congressos Pan-Americanos, principalmente a partir da ação eficiente do Barão do Rio Branco;

3) — o econômico, em razão das imensas reservas minerais, que dizem respeito à economia estratégica de guerra, como acontece com o manganês e o ferro e, sobretudo com as areias monasíticas, ricas em tório, além das largas possibilidades de produção de matérias primas vegetais;

4) — o estratégico, por possuir o Brasil as bases aéreas e navais para a travessia do Atlântico Sul e possível domínio do canal do Panamá, com isolamento total dos Estados Unidos.

Não precisamos nos deter nos dois primeiros motivos, que se tornam claros pela simples enunciação. Basta lembrar que, em 1907, o Brasil, mediante a ação do Barão do Rio Branco, poude mobilisar tôdas as Nações da América Latina para sustentar Rui Barbosa em Haia, conseguindo que o Departamento do Estado em Washington aderisse à causa da igualdade dos Povos, contra a tese das grandes potencias lideradas pela Alemanha.

Quanto às matérias primas, estamos vendo o interêsse atualmente manifestado pela Rússia do reatamento das relações comerciais com o Brasil, como preliminar indispensável a um segundo tempo, no qual o Kremlin tratará de obter o tório de que necessita para a produção de bombas atômicas. As declarações de Kruchevsk, sôbre as boas disposições soviéticas de "ajudar" economicamente os países da America Latina revelam os planos de Moscou no sentido de estender a sua influência em nosso Hemisfério. Essa ajuda não pode fugir ao tipo da que foi prodigalisada aos países da Cortina de Ferro e à Iugoslávia nos primeiros tempos, quando Tito ainda não tinha assumido o papel de ovelha negra, estreitando suas relações com o Ocidente...

O que mais importa, entretanto, à Rússia Soviética no que se refere à América Latina, são os pontos estratégicos. Os Estados Unidos estão hoje ameaçados na Ásia, pela dominação bolchevista da China, da Coréia do Norte, das ilhas Sakalina e Curilas, pela inflexão do comunismo chinez sôbre a Indo-China, pela política do pan-asiatismo, comandada por Pandit Nerú nas Índias; estão ameaçados na Europa, onde fracas são as possibilidades da Itália e da França, restando apenas a Península Ibérica (Portugal e Espanha) e a Alemanha Ocidental. A propaganda comunista nas colonias francezas da

África e os recentes distúrbios alí ocorridos demonstram os propositos de, num caso de invasão soviética e domínio da França, apoderarem-se os russos das bases aéreas da costa ocidental do Continente Negro, para o fácil pulo do Atlântico.

Nota-se, em cada passo da política externa de Moscou, a intenção, claramente manifesta, de isolar os Estados Unidos, cercando-os pelo Pacífico e pelo Atlântico. Os soviéticos viram o que significou para a invasão da Europa, na última guerra, o conjunto de bases aéreas no Nordeste Brasileiro.

Para uma próxima guerra, Moscou tem em vista no Brasil um triângulo estratégico-militar no Nordeste, constituido pelas bases de Fortaleza, Natal e Recife; e um quadrilatero estratégico-econômico, no Sul, envolvendo 90% das nossas indústrias e a totalidade da nossa indústria de guerra.

Traçando-se uma linha do Rio a Juiz de Fora; outra de Juiz de Fora a Campinas; outra de Campinas a Santos, verifica-se que estão envolvidas por êsse quadrilatero, além da indústria de manutenção econômica, ligada hoje, pelos novos conceitos da guerra, à própria capacidade defensiva e ofensiva do país, tôda a nossa produção bélica. Nêsse quadrilatero estão a Indústria Siderúrgica de Volta Redonda e outras; a Fábrica Nacional de Motôres; a Fábrica de Pólvora de Piquete; a Fábrica de Armas de Itajubá, Juiz de Fora e S. José dos Campos; a Nitro-Química em S. Miguel Paulista e outras fábricas de explosivos; as refinarias de petróleo do Rio e de Cubatão; e ainda os dois portos de maior importância do país: Rio e Santos, não se falando nas grandes usinas elétricas de tôda essa região.

Em caso de guerra, bastará uma sabotagem executada pelos grupos comunistas que para isso estão recebendo aulas em cursos intensivos, atuando

no Quadrilatero a que nos referimos, e um movimento popular no Nordeste, para facilitar desembarques no Triângulo estratégico, e a defesa nacional brasileira estará completamente inibida.

Tomadas as bases francesas da Costa d'África, os russos podem fazer a travessia do Atlântico no sentido inverso ao em que operaram os americanos na guerra passada. Compreende-se, por conseguinte, o motivo pelo qual o Partido Comunista no Brasil exerce tão ativa propaganda em Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte, assim como no Quadrilatero do Sul e, ao mesmo tempo na África. (1)

*

* *

A União Soviética, desde a consolidação do regime comunista e início do Plano Quinquenal, começou a agir através do Comintern, no sentido da difusão da doutrina marxista na América Meridional e, particularmente, no Brasil.

Em 1926, não sendo possível a existência de um partido comunista no Brasil, o Comintern organizou

---

(1) — "Num comentário consagrado aos problemas da Africa, a emissôra do Vaticano frisa o perigo representado pelos inegáveis progressos que ali vem fazendo nos últimos tempos o comunismo. A emissôra prosseguiu dizendo que a realidade do perigo comunista é revelada por uma série de circunstâncias e pelo recrudecimento da atividade comunista na Africa. O rádio frisou igualmente que na Nigeria é o partido comunista inglês quem dá as diretivas aos sindicatos locais e que é iminente a constituição de um partido comunista nigeriano. Ao mesmo tempo (conclui o rádio) obstina-se a propaganda comunista a denegrir tudo o que foi feito até agora pelos colonisadores, a depreciar as vantagens asseguradas pelas potencias coloniais. A tática comunista, fazendo pressão sôbre os nacionalistas africanos, encontra largo campo em tôda a África". (De "A Cruz", 24-6-56).

o partido oficial na Argentina, com os Departamentos de "Agitação e propaganda", "Política" e "Organização", comités de fábricas, de quarteirões de serviços eleitorais, publicando os jornais "La pa", "Bandera Rossa", "La Internacional" e "Ordine Nuovo", os dois últimos para divulgação entre operários. Foi tal a importância dada à propaganda na América do Sul, que, em Moscou, o Comitê Executivo do Comintern criou um Secretariado especial para êsse fim.

Em 1927, um Secretariado na própria América do Sul foi criado pela Internacional Comunista. Por êsse tempo, havendo o Uruguai reconhecido o govêrno soviético e com êle estabelecido relações diplomáticas, êsse fato assegurou ao Comintern uma base de operações para o desenvolvimento de uma ação mais ampla. Em Montevidéu se estabeleceu a organização comercial soviética Iantorg, que se tornou um instrumento eficiente para o financiamento da ação vermelha na América do Sul. Até então, todo o movimento comunista em nosso hemisfério era acionado de Londres, como se verificou por ocasião da perquirição feita pela polícia inglêsa na organização Arcos, a qual se ligava aos partidos comunistas do Canadá, da Argentina, da Colômbia, da Guatemala, do Uruguai, do México, do Brasil, do Chile e dos Estados Unidos.

A partir de 1927, o Uruguai tornou-se, pois, o centro irradiador do comunismo na América do Sul. No Brasil, onde o comunismo não tivera anteriormente outra importância além dos círculos intelectuais, o partido russo tomou grande incremento pela adesão de Luís Carlos Prestes e dos remanescentes das revoluções de 1924 e 1926. Um grande congresso realizou-se nêste último ano em Buenos Aires, traçando-se as diretrizes para uma ação con-

tinental. Em 1930, a maior parte dos comunistas brasileiros aderiu à revolução da Aliança Liberal, exceto Luís Carlos Prestes, que se reservou para um segundo tempo. Os comunistas, tendo triunfado a revolução liberal, principiaram logo a agir abertamente (o que antes não poderiam fazer) e, através de comícios, assembléias operárias e publicações subversivas, conquistaram numerosos elementos das massas populares. Quando, após outra revolução, de caráter democrático conservador, promovida pelo povo de São Paulo, foi convocada pela Ditadura a Assembléia Constituinte, os partidários de Moscou se organizaram sob o disfarce de uma agremiação intitulada "Aliança Nacional Libertadora". Êsse movimento teria sido triunfante, não fôra a ação também nacional do integralismo, fenômeno político que, no dizer de Prestes e de Dimitrof (que então superintendia o Comintern) não fôra previsto pela Rússia Soviética. Em 1935, os comunistas tentaram um golpe, deflagrando a revolução vermelha no Nordeste e na Capital da República e não o conseguindo fazer em outros Estados, pela vigilância tenaz dos integralistas. Em 1936, num Manifesto ao seu partido, o chefe comunista Luís Carlos Prestes declara não haver sido previsto êsse fator na vida brasileira. No ano seguinte, Dimitrof apontava o remédio, em documento que foi apreendido e publicado. O Comintern determinava que o integralismo fôsse acusado de fascista e nazista, afim de ficar desmoralizado perante a opinião pública. Realmente, larga foi a propaganda pela imprensa onde dominavam as células de Moscou, contra aquêle movimento que era visceralmente contrário ao nazismo, tendo sido mesmo o primeiro a se levantar contra o regime então implantado na Alemanha, quer em artigos e discursos, quer pela conquista que procurava reali-

zar dos elementos oriundos de raça germânica, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, opondo à milícia dos hitleristas, que desfilava livremente naquêles Estados, uma milícia nacional, e fundando escolas para atrair para a cultura brasileira os elementos teutos, de sorte a evitar quistos raciais perigosos para a segurança da democracia em nosso Hemisfério.

Em 1937, foi desferido pelo Presidente da República um golpe de Estado, suprimindo-se o Parlamento e os partidos políticos em geral. Os comunistas não reagiram, pois êsse era o clima que lhe era mais favorável a uma obra de infiltração nos serviços públicos e postos governamentais. Assim, quando foram restauradas as liberdades democráticas no Brasil, em 1945, o Partido Comunista, conseguindo legalidade, apresentou-se poderoso nas urnas. Editou numerosos jornais diários, realizou comícios, reativou a sua organização secreta sob as garantias políticas do partido legal, e poude melhor ainda desenvolver-se pela presença no país de uma Embaixada Soviética.

No govêrno do Presidente Dutra, foram cassada a legalidade do partido comunista e cortadas as relações com a Rússia Soviética. Mas o comunismo passou a agir sob outros disfarces, utilizando-se de facilidades legais. Três são os instrumentos da ação da Rússia em nosso país: 1) — o político; 2) — o sindical-trabalhista; 3) — a infiltração em postos chaves da administração pública, tanto estadual como federal.

O instrumento político são os partidos existentes no país. Como é fácil de imaginar-se, o partido comunista foi fechado, mas os comunistas são eleitores e jogam com êsse elemento nas pugnas eleitorais. Lutando uns contra os outros, os partidos polí-

ticos querem suplantar os adversários nas urnas. E, então, os chefes comunistas entram em negociações com êles. Essas negociações consistem em obter para comunistas lugares nas chapas de deputados federais, estaduais e vereadores municipais. Em troca, o partido que isso concede recebe uma soma apreciável de votos comunistas para a sua legenda.

Por êsse processo, os comunistas têm levado ao parlamento numerosos adeptos do credo vermelho. Haja visto o deputado Roberto Morena, cuja ação contra o Acôrdo Brasil-Estados Unidos foi incansável na Câmara dos Deputados Federais, no que era acompanhado por deputados de várias legendas, filiados secretamente ou ostensivamente simpatizantes da União Soviética.

Muitas vêzes, os chefes comunistas usam de outro processo, o qual consiste em fazer seus sectários se inscreverem em certo partido, conquistando maioria nos diretórios. Então, sucedem casos como o do P.L. (Partido Libertador) cujo diretório no Estado do Rio foi constituido de comunistas; ou como o do P.R. (Partido Republicano) que no Ceará, até bem pouco, era inteiramente composto de comunistas. Certas legendas partidárias, como o P.R.T. (Partido Republicano Trabalhista) não passam do próprio partido comunista disfarçado. Há cêrca de um ano, o P.S.D., em Santos e na Capital de São Paulo, negociou o apôio para si dos comunistas, em troca de lugares nas chapas para vereadores. A infiltração no P.T.B. (Partido Trabalhista Brasileiro) parece ser a mais importante. Sendo um partido que visa a conquista das massas e, por conseguinte, tendente a exercer uma demagogia nem sempre sensata, os comunistas alí penetraram, sem que os verdadeiros trabalhistas o percebessem. Basta lembrar que em Belo Horizonte, foi preso o Coronel do Exér-

cito Olímpio Ferraz, que era alta personalidade na direção do P.T.B., o qual se achava envolvido na ação de células russas. E convém ainda notar-se que nas eleições para Prefeito e Vice-Prefeito de São Paulo, realizadas no dia 22 de março de 1953, os comunistas lançaram seus candidatos (o sr. André Nunes, vereador do P.T.B.) e um operário polonês, na chapa do P.S.T. (Partido Social Trabalhista), que se diz inimigo do comunismo no Rio e cede a sua legenda aos comunistas em São Paulo.

Os negócios feitos no âmbito municipal são ainda em maior número, dado o acirramento das paixões locais, que leva os contendores a tudo sacrificar pela vitória; e, então, os comunistas conseguem eleger muitíssimos vereadores. Nos parlamentos federal, estaduais e municipais, êsses comunistas são agentes de propaganda, promovendo moções, votos, etc., sempre favoráveis à Rússia Soviética.

O segundo instrumento, como vimos, é o sindical-trabalhista. Pode-se dizer que hoje a maioria dos sindicatos está nas mãos dos comunistas. Durante o govêrno Dutra, era exigido um atestado de ideologia para ocupar postos nos sindicatos. Essa exigência foi abolida no atual govêrno e, desde então, os comunistas passaram a controlar todo o aparelhamento sindical no país. Os elementos não-comunistas em geral são displicentes, não comparecem a reuniões, não esperam que as reuniões terminem, para se retirar. Convém lembrar as instruções que a respeito recebeu Igor Gouzenco, quando Moscou o mandou para o Canadá: as reuniões devem ser demoradas para que os não comunistas se retirem cansados. Além do mais, os comunistas brasileiros jogam com um fator de êxito indiscutível: a situação econômica, o encarecimento do custo de vida, as sempre novas exigências de aumento de sa-

lários. Liderando movimentos como êsses, arrastam, não só seus adeptos, mas outros. E cumpre notar que um comunista que atua nos sindicatos nunca o faz na qualidade de comunista, mas de líder operário. A infiltração dos vermelhos tem sido enorme nas classes liberais. A recente eleição da diretoria do sindicato dos médicos tornou patente o prestígio bolchevista naquela classe.

Além da ação puramente sindical, acionada pela CTAL sob orientação geral para a América do Sul traçada no Congresso Sindical de Montevidéu, presidido por Lombardo Toledano e secretariado por Roberto Morena, o comunismo age, especìficamente, em células das fábricas, usinas, escritórios, repartições públicas.

Finalmente, temos o terceiro instrumento da ação de Moscou no Brasil. Trata-se da infiltração nos postos chaves da administração pública.

Centenas de comunistas ocupam atualmente cargos federais, estaduais e municipais em nosso país. Diretores de Repartições, Chefes de Secção, Oficiais de Gabinete de Prefeitos, Secretários e Governadores de Estado, Ministros, até de Presidentes da República, êsses elementos vermelhos já se instalaram em cargos da maior importância agindo ao mesmo tempo como poderosa rêde de espionagem e instrumentos de facilitação a tôdas as pretenções do comunismo e de comunistas.

Valem-se das ligações com os partidos políticos; do prestígio advindo de uma posição privilegiada na imprensa burguêsa, na crítica literária e artística, nos meios científicos e até nos círculos financeiros; das relações e intimidade com senadores, deputados, ministros, generais, diplomatas; da fôrça eleitoral decorrente dos benefícios prodigalisados a uma clientela ignara e da própria engrenagem do aparelho

sindical. Todo homem de importância política ou social tem sempre um comunista da sua domesticidade. Afirmam que êsse é inofensivo, um teórico movido por sentimentos de humanidade, e nada mais. Pode, pois, ocupar o cargo, sem nenhum perigo, etc. Dêsse modo, cada comunista está seguro à sombra de um conservador do qual, no íntimo, êle caçôa com desprêzo.

Por outro lado, as nossas leis são liberais. Indivíduos que visitam a Rússia (país com o qual não mantemos relações diplomáticas), ou que comparecem a congressos promovidos por Moscou, reassumem, ao regressar ao Brasil, os seus cargos. Magistrados, professores de escolas secundárias ou superiores, altos funcionários, militares que se reformaram para trabalhar pelo comunismo com o dinheiro da Nação por êles traída, todos gosam de imunidades para vender a Pátria a uma Nação Estrangeira.

As próprias chamadas "classes conservadoras" não acreditam no perigo comunista. Não movem uma palha, já não digo em benefício da defesa da Nação, mas nem no próprio benefício, prevenindo-se contra um perigo que as ameaça diretamente. Os membros dessas classes, que possuem algum espírito público, pensam que poderão evitar o comunismo com obras de beneficiência, desconhecendo assim os motivos profundos dêsse fenômeno social que hoje aflige a quantos compreendem as suas verdadeiras causas psicológicas.

Tudo em nosso país corre à feição dos objetivos russos em nossa Pátria e no Mundo. Os ricos só pensam em ganhar dinheiro; os políticos em fazer sua política; os literatos em brilhar com suas obras; a gente elegante em ostentar o seu luxo nas altas rodas. Ninguém atenta para a tremenda ameaça à liberdade e aos direitos humanos que hoje pesa sôbre

todos os povos. Todos, ou não acreditam nessa ameaça, ou delegam poderes à polícia para combater o comunismo. A polícia, por sua vez, entende que o comunismo se combate com medidas violentas e estas são adotadas contra os pobres, os pequeninos, os revoltados por uma situação econômica de desespero. Enquanto se invadem domicílios e se apreendem fartos materiais de propaganda vermelha em tugurios miseráveis, levando-se para a prisão pobresinhos envenenados pela doutrinação de líderes exploram a sua ingenuidade e o seu sofrimento, Govêrno Brasileiro mantem os granfinos de nos altos cargos, até em comandos militares, e permite que deputados e senadores da Nação vi aos países da Cortina de Ferro e visitem mesmo capital da Rússia, dando entrevistas posterio em que aconselham o reatamento de nossas com o Govêrno Soviético

Prendem-se, espancam-se os pobres e permite-se a circulação de dezenas de diários e semanários comunistas no país; prendem-se, espancam-se os pobres, e permite-se o funcionamento de editoras em cujos livros se intoxicam êsses míseros perseguidos; prendem-se, espancam-se os pobres; e permite-se que professores de Colégios e Faculdades propiciem os venenos que fazem dêsses pobres revoltados comunistas; prendem-se, espancam-se os pobres, e permite-se o domínio dos intelectuais comunistas na literatura e na imprensa; prendem-se, espancam-se os pobres, e endeusam-se os pintores e arquitetos bolchevistas, que enriquecem à custa da burguesia e do Govêrno; prendem-se, espancam-se os pobres, e entregam-se os sindicatos às mãos daquêles que, dispensando o atestado de ideologia, locupletam-se com o dinheiro dos operários; prendem-se, espancam-se os pobres, e conservam-se em altos cargos indivíduos

notoriàmente comunistas; prendem-se, espancam-se os pobres, e os senadores e deputados vão passeiar à Rússia.

Êsse é o ambiente em que se desenvolve o comunismo no Brasil.

O desenvolvimento da propaganda comunista no Brasil e a articulação secreta revolucionária da Rússia em nosso país não admitem delongas no tocante à contra-propaganda sistematizada e à preparação do espírito nacional para eventualidades consequentes de uma situação internacional que faculte aos agentes de Moscou ensejo para concretizar seus planos contra a nossa Pátria.

Possuem os comunistas mais de 20 jornais diários e mais de trinta semanários, difundindo a sua doutrina nas classes populares. Possuem uma revista de cultura marxista para conquistar intelectuais da classe média. Contam com professores dos gráus secundários e superiores, que inoculam o veneno bolchevista em seus alunos. Recebem de Viena, de Praga, de Bucareste, de Varsóvia, de Berlim Oriental, de Budapeste, de Belgrado, de Paris, de Pequim, do México e do Uruguai, toneladas de publicações (livros, revistas, folhetos, cartazes) para os setores estudantil, feminino, sindical, burocrático, científico, em linguas portuguesa e espanhola. Além disso, diretamente de Moscou, entram no Brasil livros editados pela União Soviética em doze línguas, sendo o material destinado ao nosso país nos idiomas da nossa Pátria e nos idiomas das diversas colonias estrangeiras aqui domiciliadas. Cumpre acrescentar os livros de autoria de comunistas brasileiros, do tipo dos que publicaram o juiz Osny, D. Branca Fialho (esposa também de um outro juiz), Jorge Amado e outros. Para isso o partido comunista mantem três editoras, inclusive a de nome "Vitória", cujas edi-

ções se multiplicam, dia a dia. Há, ainda, a notar, o número de jornalistas e de radialistas pertencentes ao credo de Moscou e infiltrados nos jornais e nas emissoras do país. Basta lembrar que o jornal católico "A Cruz" publicou ha tempos, a lista nominal de mais de trezentos comunistas fichados na polícia e exercendo o jornalismo na Capital da República.

Dinheiro não falta para tudo isso. Ahi estão as legações diplomáticas da Polônia e da Tchecoslováquia para fazer as entregas das vultosas quotas que Moscou envia aos comunistas brasileiros. Essas duas legações exercem larga ação de espionagem e de estímulo às atividades secretas do partido de Moscou no Brasil.

Em consequência de todos êsses fatos, o comunismo está se apoderando das diretorias dos sindicatos, no que é facilitado pela ação política de partidos e personalidades que com êle firmaram aliança secreta; está dominando a maior parte dos órgãos representativos da classe estudantil; está exercendo uma influência cada vez maior nos círculos literários e artísticos do país; está contaminando os trabalhadores da lavoura e as próprias classes armadas do Brasil. Pois tudo é resultado de uma propaganda tenaz, sistemática, intensiva e extensiva, que se especializa para cada setor da sociedade brasileira.

Se adicionarmos a tais calamidades o número de comunistas estrangeiros (já cêrca de vinte mil) que têm entrado em nossa Pátria por intermédio da OIR (Organização Internacional de Refugiados) e pelas fronteiras desguarnecidas do norte, do oeste e do sul, e se levarmos em conta o número de agentes de Moscou que ocupam postos chaves na administração pública brasileira, então veremos que marchamos ràpidamente para uma situação pavorosa, cuja explosão virá no dia K (dia do Komintern),

data essa que não podemos prever se está perto ou longe, pois depende das circunstâncias internacionais.

Os Estados Unidos se encontram a braços com problema semelhante e não nos poderão valer, como não poderam valer nem os chineses, nem os sul-coreanos, nem os indo-chineses, nem os anti-comunistas da Guatemala. Estamos cercados pelos fócos comunistas da Bolívia (em cujo govêrno ha vários ministros do credo vermelho); do Uruguai, onde existe a embaixada soviética junto à qual vão buscar instruções os comunistas brasileiros; das Guianas, onde recentemente a Inglaterra teve de se haver com uma grave situação; da Colômbia, onde rebentou o terrível episódio de Bogotá.

Não será na hora em que estourar uma guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética que iremos tomar providências para salvar o Brasil de sabotagens nas estradas de ferro, nos navios, nos telégrafos, nos telefones, nos aviões, nas usinas elétricas, nas fábricas e nos serviços públicos. A defesa interna e externa de uma Nação (hoje intimamente ligadas pelo conceito da guerra moderna), preparase a longo prazo e não à última hora.

VI

COMO LUTAR CONTRA O COMUNISMO?

O problema do comunismo tem sido encarado sob diversos aspectos, uns em consequência de fatos e circunstâncias criados pela política internacional e pelas realidades nacionais, outros como decorrência da própria formação intelectual e das condições temperamentais do observador.

Da maneira de interpretar o comunismo depende a solução alvitrada. Assim, podemos hoje, no Brasil, classificar os adversários do credo de Moscou nas seguintes categorias:

1.º) — Os que entendem tratar-se de um caso de polícia, apenas se preocupando com as atividades de investigações e com as medidas de repressão;

2.º) — Os que julgam relacionar-se a questão exclusivamente com o desconforto das classes trabalhadoras, elevado custo de vida, descontentamento popular, e êstes estão convencidos de que o único meio de combater o credo de Moscou é fazer funcionar um vasto aparelhamento de assistência social: ambulatórios médicos, hospitais, restaurantes populares, escolas profissionais, clubes recreativos, e outros suplementos à insuficiência dos beneficiados;

3.º) — Os que consideram o problema como assunto meramente político, sendo que êstes procuram desviar a massa para os partidos de índole

trabalhista ou populista, em cujos programas se inscrevem reivindicações proletárias;

4.º) — Os que tomam o comunismo nos seus têrmos internacionais, convencidos de que a solução do problema virá do resultado da luta entre os Estados Unidos e a Rússia, de nada valendo quaisquer atitudes ou providências que sejam tomadas em nosso país.

O que ninguém considera é o aspecto fundamental do comunismo, isto é, como cultura específica de uma política tendente a dominar as massas populares (mesmo quando estas são contrárias ao credo moscovita) coordenando-as no sentido de objetivar a tomada do poder por uma minoria despotica.

Quem estuda o comunismo nas suas origens, verifica, desde logo, que êsse movimento internacional tem bases sólidas numa filosofia e parte, vigorosamente, de uma concepção de vida.

Antes do seu aparecimento, as reivindicações dos pobres exprimiam apenas aquela sêde de justiça de que nos fala o Evangelho. Essa aspiração nós a encontramos até mesmo no Magnificat, o glorioso canto com que Maria Santíssima responde à saudação de sua prima Isabel. Pois ali está escrito: "Com o seu braço obrou (Deus) valorosamente; dissipou os soberbos no pensamento de seus corações. Depoz dos tronos os poderosos e elevou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vasios os ricos". E, na verdade, a angustia dos oprimidos ergue o seu brado, nas letras sagradas e profanas, trazendo-nos os écos remotos dos povos antigos. Nem outro sentido têm na história de Roma, os intuitos das leis agrárias dos Gracos, ou a revolução dos escravos chefiada por Spartaco.

*
* *

Nos tempos modernos, com o desenvolvimento das indústrias, surgiram mais fortemente os anseios de reivindicações, porém sempre com um caráter puramente ético, oferecendo soluções empiricas. Encontramos tais anseios na Revolução Francesa e posteriormente nas diversas correntes do socialismo utopico francês e do anarquismo russo.

Mas o marxismo, chamado pelos seus adeptos "socialismo científico", apareceu no século passado não apenas como uma solução proposta ao problema da justiça social, mas principalmente como uma concepção de vida e uma concepção de história.

No que concerne à concepção de vida, o marxismo tem suas raízes no materialismo ostensivo ou disfarçado dos utilitaristas e evolucionistas inglêses, nos monistas alemães, e poderiamos dizer, até no positivismo francês, que, embora seu coevo traz nos fundamentos aquêle agnosticismo que, em última análise, é uma forma do materialismo. No que concerne à concepção da história, o marxismo enraiza-se no idealismo alemão, de Hegel, o qual confluiu no mesmo leito do materialismo, pelo canal de Fuerbach.

Antes de tudo, pois, o marxismo concebe o mundo sem Deus e o homem sem alma. É o materialismo dogmático. Em seguida, considera os fatos históricos, como um jogo permanente de ações e de reações. É o materialismo dialético.

*
* *

Da concepção do mundo, o marxismo deduz a sua organização da sociedade e a estrutura do Esta-

do, assim como os padrões da vida individual e do conjunto coletivo. Da concepção da história, deduz a estrategia e a tática da revolução, como meio de precipitar o desenvolvimento evolucionista do sistema capitalista para a sua última consequência, que é a socialisação de todos os meios de produção.

Isto posto, torna-se claro tudo quanto se refere ao combate que se pretende dar ao comunismo. Êsse combate deve ferir-se em duas linhas de batalha: a primeira pela formação de uma cultura espiritualista, que ao mesmo tempo refute os êrros do dogmatismo materialista e delineie um tipo de vida individual, de convívio social, de expressão nacional, de expressão estatal, criando uma consciência nítida de atitudes e de aspirações ideais; a segunda batalha exige um conhecimento perfeito do processo revolucionário comunista, sua estrategia, sua tática, suas diretrizes, seus planos, assim como tudo o que se refere às realizações práticas do regime marxista ou de suas transições objetivadoras do marxismo puro.

A formação da cultura espiritualista exige maior tempo, um trabalho sistemático, metódico, persistente. O conhecimento do que seja o comunismo, sob o aspecto revolucionário ou de suas experiências na Rússia e outros países por êle infelicitados, reclama a leitura de obras básicas de informação. Êstes livros existem e é preciso que sejam lidos e alguns até decorados. Se considerarmos essas duas batalhas quanto a uma metodologia racional, é evidente que a formação espiritualista deve preceder o conhecimento da estrategia, da tática e dos crimes praticados pelo comunismo. Mas se considerarmos a urgência do esclarecimento acêrca da grande calamidade social que hoje ameaça as nações livres, então a leitura das obras onde se encontram as tre-

mendas revelações da marcha sangrenta do comunismo torna-se o ponto principal da campanha a desenvolver-se para salvar nossa Pátria.

Tudo isso não exclue os outros setores de combate, que enumerámos acima, como pareceres isolados de interpretações unilaterais do problema. Mas a imunisação contra a peste vermelha, notadamente na classe mediana, na pequena burguesia, de onde saem os líderes das massas, é imperativo dêste momento.

Constitui êrro palmar pretender dar combate ao comunismo diretamente junto aos operários e camponezes, sem a preocupação de guerreá-lo nas suas cidadelas mais importantes, constituidas pelas classes média e profissões liberais. É claro que temos de esclarecer o trabalhador da cidade e dos campos, lutando pelas suas justas reivindicações e mostrando-lhes que não será no comunismo que êle encontrará felicidade, uma vez que êste o torna um sêr escravo. Mas, antes disso, temos de fazer esta pergunta: quem são os que iludem os trabalhadores, ensinando-lhes uma doutrina anti-humana? A resposta é uma só: os que manobram as massas trabalhadoras são médicos, engenheiros, advogados, farmacêuticos, professores, estudantes, militares, bancários, jornalistas. Nenhum líder do comunismo saiu de outras categorias sociais. A principiar de Lenine, que era bacharel em direito, e de Stalin, ex-seminarista. Examine-se a lista dos chefes vermelhos no Brasil e ver-se-á que são todos intelectuais. No período de 1920 a 1930, sòmente os escritores, jornalistas e homens de profissões liberais eram doutrinados pelos agentes do Comintern.

Por conseguinte, se queremos impedir que Moscou tenha campo onde recrutar líderes, precisamos imunizar os intelectuais brasileiros, dando-lhes a

lêr as obras onde encontrarão argumentos para responder aos sofismas dos catequistas vermelhos. A difusão de tais livros em tais setores sociais não sòmente realiza uma imunisação eficiente contra a peste soviética, mas prepara os espíritos de sorte a perceberem as manobras aparentemente inocentes dos comunistas, quando aliciam para seus objetivos inconfessáveis pessoas desprevenidas que se tornam "inocentes úteis".

Ou nos lançamos nessa grande campanha, ou de nada valerá tudo o que se fizer para combater o comunismo em nossa Pátria. Nem mesmo os cartazes berrantes, que apenas irritam sem convencer e muitas vêzes fazem o próprio jogo do inimigo com quem pretendem lutar.

CAPÍTULO VII

OS COMUNISTAS E O ACÔRDO BRASIL-ESTADOS UNIDOS

Quando esteve em fóco a discussão do Acôrdo Brasil-Estados Unidos, os comunistas promoveram grande celeuma defendendo "a soberania brasileira".

Não iremos aqui entrar na análise do tema. Apreciaremos, ùnicamente, as atitudes, a doutrina econômica e militar, a orientação geo-política daquêles que, por intermédio de seus agentes em nosso país, combatem o documento, como lesivo aos interêsses do Brasil.

Mostraremos a ausência de autoridade moral nêsses pseudo-nacionalistas, provando como a Nação estrangeira, cujas ambições defendem, realizou e tem realizado acôrdos de assistência econômico-militar, que constituem verdadeiros contratos leoninos de vil exploração dos povos submetidos à sua influência.

Desejamos nestas linhas pôr em evidência a hipocrisia da União Soviética, o seu uso e abuso da ingenuidade e da ignorância do homem comum dos países ocidentais, fazendo seus arautos pregarem um nacionalismo últra jacobinista, mas sufocando todo nacionalismo nos países da Cortina de Ferro.

Aceitando, para argumentar, que o Acôrdo Bra-

sil-Estados Unidos preserva mais os interêsses norte-americanos do que os brasileiros, perguntamos:

1.º) — pode êsse acôrdo ser comparado com os tratados, convênios, contratos, transações comerciais e fórmulas de assistência militar da União Soviética com os países sob sua influência geo-política?

2.º) — podem os comunistas falar em opressão dos Estados Unidos, considerando o govêrno de Moscou perfeitamente correto em relação à Polônia, à Tchecoslováquia, à Rumania, à Bulgária, à Hungria, aos Países Bálticos, à Coréia do Norte e à China?

Os simpatizantes da Rússia Soviética não serão capazes de responder a essas duas perguntas. Mas respondemo-las nós, com tôda a segurança.

Antes, porém, de entrarmos em tão relevante assunto, façamos um retrospecto sôbre a preparação da campanha do Partido Comunista Internacional (secção do Brasil) visando inutilizar a capacidade de defesa dos povos do Novo Mundo.

A conferência de Montevidéu — A campanha contra a unidade de esforços das nações das Américas no objetivo comum de se salvarem das garras do monstro de Moscou foi delineada em 1950, entre 28 de março e 4 de abril, na Conferência Sindical do Sul, realizada em Montevidéu. A essa assembléia compareceram comunistas de todos os países sul-americanos, assumindo a presidência Lombardo Toledano, chefe do comunismo no México. No entanto, a direção efetiva coube a Roberto Morena (que ocupava à época uma cadeira de deputado na Câmara Federal Brasileira), o qual verificava, pessoalmente, as credenciais dos delegados.

As finalidades reais da Conferência foram as seguintes:

1.º) — privar os Estados Unidos da fonte de

recursos que poderia significar a América Latina, em caso de guerra daquela nação com a Rússia;

2.º) — agravar mais a situação social a fim de provocar o descrédito das massas operárias pela democracia.

Essa Conferência "planejou" e "ordenou" um vasto programa de agitação e luta política, através de agremiações oficiais, protelando os problemas gremiais, econômicos e sociais.

Roberto Morena organizou um questionário, para ser respondido pelas delegações de cada país, e pelo qual se levantava um balanço do poderio econômico e da situação militar e social de tôdas as nações da América Latina. No que se referia ao Brasil, estava incluida a "localização e a capacidade das jazidas minerais", bem como outros informes de considerável importância do ponto de vista da nossa defesa nacional.

O jornal "El País", de Montevidéu, comentando os trabalhos da Conferência, disse que a sua finalidade tinha sido organizar os núcleos comunistas latino-americanos, para melhor servirem os interêsses de Moscou, tanto na "guerra-fria", como na "quente", se a mesma deflagrar.

Dos 126 delegados à Conferência, 32 eram brasileiros e, regressando êstes ao Brasil, os comunistas deram início a um recrudescimento da campanha de sabotagem ao esfôrço de defesa dos povos livres das Américas e especialmente contra o espírito de união pan-americana.

A hipocrisia comunista e os "inocentes úteis" — Confiados no desconhecimento completo dos brasileiros sôbre tudo quanto se passa nos países dominados pela Rússia, principalmente no que se refere aos acôrdos militares e aos tratados comerciais com aquêles infelizes povos escravizados, os comunistas

brasileiros desencadeiaram uma campanha de tipo identica à que foi deflagrada na China, para desintegrar aquêle país e submete-lo à tirania moscovita.

O cinismo comunista não tem limites. Aliou-se à Alemanha Nazista, dividiu a Polônia com Hitler, determinou aos bolchevistas franceses a sabotagem contra a sua própria pátria e em favor dos alemães; e nêsse tempo os comunistas brasileiros eram os propagandistas entusiastas dos generais nazistas e da "blitz" desencadeada pelas "panzer" hitleristas que esmagavam as nações livres do ocidente europeu. Depois, viraram a casaca, os tais de Moscou, verificando que o potencial econômico e industrial dos Estados Unidos levaria à derrota o imperialismo nazista. Nessa altura, com o maior descaramento, os comunistas brasileiros passaram a fazer propaganda dos Estados Unidos, endeusando Roosevelt e dispostos a aceitar tudo o que os americanos impusessem ao Brasil. Isso é de ontem e só os desmemoriados não conseguem lembrar.

Terminada a guerra e engordada a Rússia com o acôrdo de Yalta, Moscou transmitiu novas diretivas. A luta agora deveria ser travada contra os Estados Unidos, que constituiam a máxima garantia das liberdades humanas. Para isso, mobilizaram os ingênuos, os "inocentes úteis", todos os temperamentais que formam o tipo dos patriotas a que se refere Alberto Torres, os quais nunca penetraram a fundo nos problemas nacionais, desconhecendo inteiramente os verdadeiros interêsses do Brasil e apenas manifestando o seu sentimentalismo em expressões de uma inconsequente superficialidade.

Nacionalismo made in Kremlin — A palavra de ordem de Moscou que foi em 1936 pelas "frentes populares"; em 1939 pelo "nazismo"; em 1942, pela "democracia"; em 1945, pela "libertação dos povos e

implantação de repúblicas populares"; em 1948, pela "paz mundial" (enquanto fazia a guerra na China...), — surgiu em fins de 1949 com o **slogan** de "nacionalismo" para os países do ocidente, como expediente de êxito já comprovado na China.

É um nacionalismo de matéria plástica, para uso provisório, uma vez que o Imperialismo Soviético não admite outro nacionalismo senão o russo, e que ficou provado com a condenação a trabalho forçado na Sibéria dos ingênuos escritores ucranianos, poloneses, tchecos, búlgaros e rumenos que, embora comunistas, haviam publicado poesias e novelas de fundo nacionalista. O nacionalismo que Moscou deseja é aquêle que leva as nações ao isolamento, para serem mais fàcilmente conquistados pelo polvo soviético; mas efetivada essa conquista, Stalin manda proceder a expurgos, fuzilando os próprios comunistas que mais se distinguiram nessa campanha em que falaram demais na independência de suas nações. Pois foi por isso que foram liquidados Dimitroff e Ana Paucker na Rumania, e ainda recentemente os onze ministros do govêrno tcheco-eslovaco. É ainda pelo ódio a qualquer nacionalismo que não seja o russo, que se desencadeou a perseguição aos judeus.

A conquista da China não foi feita de outro modo, senão pela pregação larga, funda, insistente, contra os Estados Unidos, pois Moscou estava certo de que, repudiando os chinêses a grande Nação que os ajudava, facílimo se tornaria bolchevizar a China, o que realmente se deu.

O cinismo dos comunistas — Têm os comunistas autoridade moral para combater as boas relações entre o Brasil e os Estados Unidos e o acôrdo militar entre os dois países?

Negamos peremptòriamente. E o fazemos pelos seguintes motivos:

1.º) — Os comunistas, depois de terem sido aliados dos nazistas, passaram em 1942 a ser os maiores propagandistas dos Estados Unidos em nosso país, jamais articulando uma palavra de protesto contra medidas de caráter militar (ocupação de bases aéreas e navais, vinda de técnicos americanos e até de oficiais americanos para o Brasil, remessa de tropas brasileiras para a Itália, sob a orientação técnica e colaboração íntima com os americanos) e medidas de caráter econômico, como o contrôle exercido pelos aliados em nosso comércio de exportação. Longe de protestarem, os comunistas aplaudiram tudo isso, e mais aplaudiriam se mais houvesse, do mesmo modo como reprovariam tudo isso antes de 1942, quando êles estavam a favor de Hitler.

2.º) — O acôrdo Brasil-Estados Unidos visa defender o Hemisfério e, particularmente nossa Pátria, contra o Imperialismo Russo, que é opressivo, sanguinário, tirânico, e se algumas restrições merece êsse documento, não são os comunistas os homens para fazê-las, pois nem de leve se pode comparar êsse acôrdo que preserva a nossa dignidade nacional, com os acôrdos firmados entre a Rússia e os desgraçados países como a Polônia, a Tchecoslováquia, a Rumânia, a Bulgária, a Hungria, os Países Bálticos, a Coréia do Norte e a China.

Um repto aos demagogos vermelhos — Lançamos, pois, um repto aos hipócritas que só não se desacreditaram no conceito dos tôlos, a que publiquem os têrmos dos tratados comerciais, dos estatutos das companhias mistas, dos acôrdos de assistência militar entre a Rússia Soviética e os países acima citados.

Como sabemos que êles jamais publicarão, va-

mos abaixo dar algumas informações ao povo brasileiro, para que êste fique sabendo que espécies de acôrdos militares e econômicos os comunistas pretendem que um dia o Brasil assine com a Rússia.

O imperialismo soviético — Logo depois da última guerra, o Ministério do Comércio Exterior de Moscou se transformou num Ministério de formação econômica do Império Soviético. Falando aos funcionários que deveriam exercer ação no Exterior, Anastas Mikoyan — o Ministro — disse-lhes: "Vocês são colonizadores soviéticos. A Economia determina as atitudes; vocês devem ser capitalistas soviéticos".

Foi nessa altura que as tropas soviéticas capturaram na Rumânia o célebre Dr. Carl August Clodius, o mágico construtor do império econômico do regime nazista. Imediatamente Mikoyan conferenciou com êle e estabeleceu o plano de escravização econômica de todos os países onde se implantaram, sob os auspícios de Moscou, as "democracias populares". O plano baseou-se no tipo das "companhias mistas", já realizado com excelentes resultados na China.

Como se sabe, a União Soviética (que promove congressos de paz) fêz uma guerra de agressão à China em 1924, obrigando êsse país a consentir na passagem pelo seu território de uma estrada de ferro russa. A imposição soviética tomou a forma de uma companhia mista, cujo capital se constituia de 51% da parte soviética e 49% da chinesa, ficando estipulado que o diretor da Estrada de Ferro Oriental Chinesa da Mandchúria seria dirigido por um elemento russo.

Orientado pelo Dr. Clodius, o Ministério do Comércio Exterior da U.R.S.S. pôs mãos à obra. Companhias mistas se alastraram por tôda a Europa Oriental, inclusive a Alemanha de Leste. A Hungria

partilhou sua bauxita, seu ferro, seu aço, seus produtos químicos, sua eletricidade, suas ferrovias, sua aviação comercial e seu petróleo (prestem atenção, senhores do "petróleo é nosso"!) com a União Soviética.

Na Rumânia, sete companhias mistas (sovrons) com 51% de capital do Govêrno Soviético e 49% do infeliz satélite, tomam conta dos transportes marítimos, ferroviários, rodoviários e aéreos; dos bancos, das madeiras, da indústria petrolífera (prestem atenção senhores do "petróleo é nosso!...).

De acôrdo com o tratado já assinado entre a Rússia e a Austria, mais de metade do petróleo austriáco está nas mãos dos soviéticos (prestem atenção, senhores do "petróleo é nosso"...). Além disso, ficou estabelecido que só a Rússia poderia fazer pesquisas de novos poços petrolíferos na Áustria.

Na Polônia (com vasta propaganda em papel couché distribuida no Brasil pela Legação comunista polonesa) está sendo executado um plano de novas fábricas de aço, produtos químicos e cimento, na base da participação da Rússia em 51% e contrôle total pelos soviéticos dessas indústrias ditas nacionais.

Na Eslováquia, em 1950, foram descobertos novos campos petrolíferos; representantes soviéticos imediatamente anunciaram que os novos campos nada mais são, na realidade, do que prolongamentos dos campos petrolíferos austríacos controlados pelos bolchevistas (sim, "o petróleo é nosso"...) e que, portanto, a União Soviética os exploraria.

As minas de urânio tcheco foram, desde 1945, encampadas pelas repartições soviéticas.

Na China, logo depois da implantação do govêrno comunista, que atingiu o poder com a propaganda na base do nacionalismo unilateral antiamerica-

no, foram organizadas duas companhias mistas do tipo espoliador orientado pelo Dr. Clodius, ambas na província de Sinkiang, uma para operar nas indústrias petrolíferas (vão levando, senhores do "petróleo é nosso"...) e outra para exploração de metais.

Na Coréia do Norte (triste escrava em cujo nome se fala em "libertar" a Coréia do Sul...) tôdas as indústrias estão organizadas na base das companhias mistas do tipo Clodius.

Representa êsse sistema de exploração econômica um tremendo tributo pago à União Soviética pelos países que, sob a capa de "democracias populares" estão escravizados pelo comunismo. Tôdas as semanas, navios e trens cargueiros transportam para a União Soviética o grosso da "mais valia" produzida pelos povos satélites do Ocidente e do Oriente, o que representa bilhões de cruzeiros por ano.

Essa massa formidável está isenta de todos os impostos, pois segundo consta das cláusulas dos acôrdos secretos, o capital soviético está liberado de qualquer onus.

A Rússia, sangue-suga das Nações — A exploração da Rússia sôbre os povos "libertados" atinge ao auge no que se refere à importação e exportação dêsses infelizes dos quais nunca falou a propaganda dos generais Felissimo Terra e Baxbaum...

O Ministério do Comércio Exterior de Moscou compra dêsses países a preços baixos e revende a outros países com espantosa margem de lucro. Quem tiver dúvidas, leia o livro "O Novo Império Soviético", de David J. Dallin, já traduzido para a nossa língua.

Um exemplo: A Polônia vende carvão à Rússia e compra-lhe algodão; nestas transações, o preço do carvão é mais baixo e o do algodão mais alto do que o preço no mercado mundial.

Em 1948, quando o preço mundial do carvão estava entre 14 e 20 dólares a tonelada, a Polônia vendeu 600.000 toneladas à União Soviética por um dólar e vinte centavos. Nêsse negócio de amigo, a Rússia ganhou trezentos milhões de cruzeiros...

Seria longo citar um por um dos negócios russos com os povos satélites ou sob sua influência, como por exemplo, o caso da essência de rosas bulgara, onde Moscou tinha um lucro de 1.000 por cento. Ou então o caso escandaloso da taxa do dólar quando a Rússia compra e quando vende. Quem quizer conhecer pormenores leia o livro de J. Dallin.

Mas toquemos num assunto curioso: os juros dos empréstimos. Aqui veremos o que cobra o capitalismo americano e o que cobra o capitalismo soviético. Basta dizer que êsses juros cobrados pela Rússia são 50% mais caros do que o cobrado pelo Export-Import Bank de New York...

A exploração dos povos não fica aí. Cada nação que aceitou os acôrdos de assistência econômica e militar da Rússia, tem de pagar os ordenados dos técnicos que a Rússia lhes envia. Ordenados fabulosos.

Na China existem 23.000 conselheiros técnicos soviéticos; só em Shangai, 2.000 no elegante bairro de Hungiao. Tudo pago pela China. Para se calcular a quantidade de russos que vivem à custa dos países das democracias populares da Europa Oriental, basta dizer que a pequenina Albania sustenta 3.000 dêsses parasitas.

Os ordenados? Foi Tito quem revelou depois de romper com Stalin. Um administrador soviético, 50.000 denares por mês; um engenheiro chefe russo, 45.000 denares; seu assistente, 26.000; diretor 25.000; mecânico-chefe, 22.000; um chefe de depar-

tamento, 22.000. Ora, o salário de um ministro da Iugoslávia era de 12.000.

Acôrdos militares de segurança mutua — Os conselheiros militares russos nos países satélites (é ainda o govêrno de Tito que revela, quando diz o que pagava) ganham 40.000, enquanto um general do país, assistido pelo acôrdo de segurança ganha apenas 11.000.

Mas os acôrdos de segurança mutua entre a Rússia e os países de sua influência, estipulam uma verba a ser paga pelo país signatário, à Rússia Soviética, destinada à propaganda do comunismo no mundo. Só a Bulgaria paga Cr$ 300.000.000,00. Somem-se os tributos dos outros países satélites e ver-se-á a soma astronômica arrancada do suor e do sangue dos operários "libertados" para estipendiar a desordem nos países livres...

Cumpre ainda notar que tanto a aviação civil como as frotas marítimas dos países que assinaram acôrdos de assistência mutua com a Rússia, se acham sempre, devido à mediação das sociedades mistas, entre as mãos dos Soviets. Na Hungria a MASZOVLET, na Rumania a TARS, permitem aos Sovietes sua intromissão sôbre a aviação civil dêsses países. Quanto à sua contribuição, ela se limita à entrega de algum velho aparelho, e alguns instrutores da N. K. V. D. encarregados de instruir agentes da polícia Política Rumena, a fim de impedirem as equipagens de escaparem do paraíso comunista para um país onde reine a "miséria" capitalista.

Ocupação militar dos que assinam acôrdos com a Rússia — Os países sob influência russa e que assinaram acôrdos de assistência militar com a União Soviética estão pràticamente ocupados pelo polvo imperialista de Moscou. Êsses, que berram contra um acôrdo militar em que duas nações livres reci-

procamente se respeitam, fingem ignorar, por exemplo, que a Rumania e a Hungria hospedam as tropas soviéticas destinadas a garantir "a união" com as tropas de ocupação na Áustria. As da Polônia garantem a união com as tropas soviéticas na Alemanha e são comandadas pelo Marechal Soviético Racossovsky "cedido" à Polônia pela União Soviética. Na Bulgária as tropas soviéticas "controlam" de um lado, a execução do tratado de paz, e por outro lado, defendem a "democracia popular húngara", contra qualquer agressão dos "imperialistas gregos". Sòmente na Tchecoslováquia não se vêm, ao menos oficialmente, soldados soviéticos. Mas, todo mundo sabe, para não citarmos senão um fato, que a região de Joachnistal onde estão as minas de urânio, está sob o controle de formações especiais soviéticas.

Mesmo que as tropas de ocupação soviética se retirem da Áustria e da Alemanha, o que não parece provável num futuro próximo, os Sovietes manterão suas tropas nos países satélites. Legalmente, estão no seu direito, **pelo tratado de assistência mutua que concluiram com todos êsses países**. Explicarão sua permanência, pelas intenções agressivas dos imperialistas gregos, dinamarquêses (!) e outros.

Com efeito, mesmo que, depois de certo tempo, êles se tornem menos visíveis em consideração à opinião pública dos países satélites, não exageramos calculando em centenas de milhares os que continuam ocupando seus territórios. Na fronteira da Iugoslávia com a Rumania, estacionam divisões soviéticas desde fins de 1948. Logo no princípio de 1949 instalaram-se na fronteira Iugoslavo-Bulgara e, logo após o verão dêste mesmo ano, na fronteira Húngara. Foi justamente o fato dêste país não estar ocupado pelos Sovietes, que permitiu ao Marechal Tito, escapar ao imperialismo stalinista.

O número das tropas soviéticas que ocupam os países satélites é incomparàvelmente maior do que o das tropas inglêsas que em qualquer época, tenham ocupado a Índia.

É assim que Stalin preenche uma outra condição de sua própria definição de imperialismo.

Quanto aos exércitos nacionais, os países satélites os possuem, naturalmente... São mesmo mais fortes, mais instruídos e melhor armados do que jamais o foram em tempo de paz. Mas, serão mesmo exércitos nacionais? É preciso que duvidemos! Naturalmente, os recrutas, soldados e suboficiais são nacionais. Mas, quase todos, senão todos, passaram pela escola do partido. Além disso, são dirigidos por oficiais educados na União Soviética, e a própria direção superior está nas mãos dos Sovietes. A secção política do exército, isto é, a secção dos comissários políticos, está nas mãos de comunistas experimentados, educados na União Soviética, e quase sempre estranhos à nação, cujo exército dirigem de maneira oculta. Assim é que a Secção Política do Exército Rumeno, é dirigida por um soviético, camuflado sob uma identidade rumena. O chefe da secção política do exército Tchecoslovaco é um comunista alemão! O do exército polonês, um ucraniano. Todos êles são serviçais de Stalin, e como não têm nenhuma ligação com a população de seus respectivos países, são por isso mesmo **executantes** de inteira confiança dos Sovietes. Nêsses exércitos não se encontra, pode-se mesmo dizer, nenhum oficial de carreira que já pertencesse ao exército, antes da guerra. Mas encontra-se, ao contrário, um bom número de especialistas, sobretudo na aviação e nas tropas de choque, aos quais, nem mesmo foi preciso trocar os seus nomes russos.

No que concerne ao Serviço Secreto dos países

satélites, a situação dêsses "senhores" ocultos em cada país comunista, é a mesma que a do exército. São ainda mais fortemente infiltrados por estrangeiros, de que o exército, e seu chefe efetivo jamais é um nacional. Odiados por todo o mundo, temidos e vigiados pelos membros do próprio partido, são êles os mais fiéis sustentáculos do imperialismo soviético, pois sabem que serão as primeiras vítimas, numa eventual mudança de regime.

O que os comunistas desejam para o Brasil — Desencadeando larga propaganda contra o acôrdo Brasil-Estados Unidos e contra tôdas as formas da solidariedade pan-americana, os comunistas o que desejam é que os países das Américas estejam divididos e isolados, a fim de mais fàcilmente se implantarem nêles, com a ajuda de Moscou, as tais repúblicas populares sob o controle diréto de Stalin.

Nessa ocasião, quando o nosso Hemisfério estiver aniquilado e as liberdades humanas postergadas, os comunistas farão o Brasil assinar com a Rússia os tratados comerciais e os acôrdos de assistência militar do tipo que acabamos de descrever. Generais russos comandarão nossas tropas. Chefes russos da N.K.V.D. (hoje M.V.D.) dirigirão nossas polícias. Técnicos russos controlarão as nossas fábricas e usinas. Trabalharemos para engordar a Rússia, para que o Capitalismo Soviético seja cada vez mais forte e mais sanguinário o seu imperialismo. É isso o que os comunistas querem. Reduzir-nos à triste situação da Polônia, da Tchecoslováquia, da Hungria, da Rumania, da Bulgária, dos Países Bálticos, da Coréia do Norte, da China.

Mas o povo brasileiro ha de ser esclarecido. Haveremos de gritar, com tôdas as nossas fôrças, contra a hipocrisia dos "Quinta-colunas" que pretendem escravizar nossa Pátria, iludindo-nos com um falso

nacionalismo e levando-nos para a escravidão mais tenebrosa. Não! Lutaremos firmes nesta trincheira. E diremos como o herói dos nossos fastos militares: "Quem fôr verdadeiro e bom brasileiro, que nos acompanhe!".

CAPÍTULO VIII

DESINTEGRAÇÃO DAS NACIONALIDADES

Nos tempos atuais, havendo a técnica da guerra atingido o supremo fastígio em conseqüência das conquistas científicas e do aparelhamento industrial dos povos mais favorecidos por circunstâncias econômico-financeiras específicas, um novo fator ressurgiu, como a contrabalançar o mecanismo do maquinário moderno: o fator Homem, que parecia relegado a segunda plana.

O Homem, nas guerras antigas, sobrelevava-se ao ponto de superar os fatôres materiais, mas hoje retorna ao seu poder de outrora, podendo superar o instrumental bélico, pela sua atuação nas retaguardas dos exércitos.

Se a guerra moderna depende das indústrias, como estas dependem das matérias primas, salta aos olhos que uma obra de sabotagem ou de resistência interna, ou mesmo uma inação decorrente da desconcordância de ideais, entre o povo e as fôrças armadas, determina completa inibição nacional em face do inimigo externo.

Criar na população de um país o espírito de defesa, a disposição de luta, a consciência coletiva da verdadeira soberania da Pátria, é condição sem a qual não se pode sequer pensar em preparar-se uma

Nação para que ela se erija, altiva e indomita, em face da ameaça estrangeira.

O grande perigo para as Democracias do Ocidente, para os povos que vivem a apregoar serem os defensores da Civilização Cristã, pode resumir-se no fato de agirem os Estados Democráticos segundo puras ficções jurídicas, enquanto os bárbaros de Moscou agem de acôrdo com a realidade prática. E é justamente por isso que, enquanto os cientistas nos apresentam como elemento primacial da defesa do Ocidente a desintegração do átomo, os técnicos do Cominform atuam no sentido da desintegração dos espíritos.

*

* *

Fazem-no, servindo-se das franquias liberais das nossas leis, da pusilanimidade dos nossos govêrnos, da inépcia dos nossos políticos. E, dessa forma, enquanto na Rússia o Estado Totalitário não permite a existência de partidos, de jornais livres, de cátedras livres, do direito de entrada e saida nos países escravizados, da livre organização das associações trabalhistas, do livre exercício dos cultos religiosos, nós permitimos que em nossos países ocidentais se publiquem jornais comunistas, se editem livros comunistas, se permitam professores comunistas nas escolas secundárias e superiores, se faculte o livre ingresso nas associações operárias a elementos dissolventes notoriamente subordinados a uma Nação estrangeira, se nomeiem para cargos públicos (e até policiais!) indivíduos conhecidos por suas atividades subversivas.

É dessa forma que vamos destruindo tôda a capacidade de resistência das Nacionalidades Ociden-

tais. Em nome da liberdade, permitimos que se envenene o povo com mentiras, que visam a destruição de tôdas as liberdades. Em nome da Democracia, matamos a Democracia.

*
* *

No Brasil, a nossa insensibilidade moral chegou a tal ponto que até mesmo nas Fôrças Armadas pretendemos que predomine êsse espírito de tolerância, que já vem desfibrando, aceleradamente, as estruturas civis da Nação. Nossa Pátria, assim, entre o universal relaxamento das Democracias Ocidentais, amplia a latitude da tolerância, atingindo um conformismo de passividade degradante.

Haja vista o caso da anistia aos militares comunistas. O projeto, além de não ter o menor cabimento, uma vez que já se encontra em vigor o Decreto n.º 7.474 de 18 de abril de 1945, assinado pelo Presidente Getúlio Vargas, surge ainda com a inoportunidade clamante de uma medida que aberra dos supremos interêsses da defesa nacional na hora exata em que os povos do Ocidente se preparam para enfrentar a agressão do Totalitarismo Soviético.

O Decreto de 18 de abril de 1945, no seu artigo 2.º condiciona a anistia ampla concedida no artigo 1.º, ao "parecer de uma ou mais comissões militares de nomeação do Presidente da República".

Salta aos olhos de quantos possuam mediano bom senso o motivo dessa condição: evitar-se que, servindo-se do benefício concedido aos brasileiros, possam regressar às fileiras das Fôrças Armadas aquêles que deixaram de ser brasileiros, por livre e

espontânea vontade, passando a obedecer a uma Potência Estrangeira.

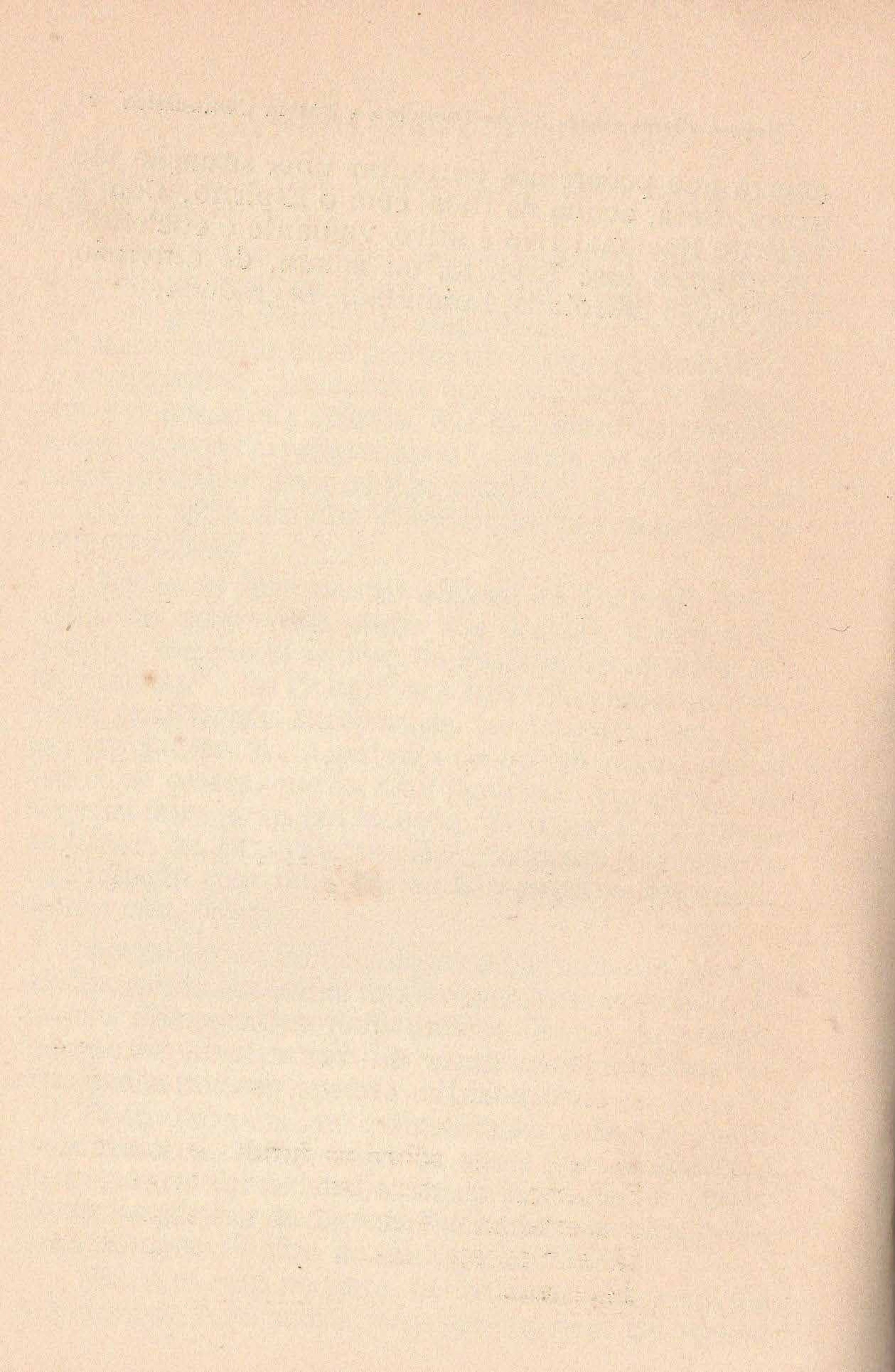
O comunismo é um instrumento de dominação do Imperialismo de Moscou. E tanto isso é verdade que, em pleno Senado da República, o secretário geral dêsse partido, cujo presidente é o próprio chefe do govêrno russo, proclamou que, em caso de guerra entre o Brasil e a Rússia, êle (e conseqüentemente todos os seus correligionários) ficaria ao lado do invasor soviético. Êsse antigo senador, por sinal, é um militar e seria um dos beneficiados por uma anistia sem condições.

Todos os documentos oficiais do Partido Comunista em nosso país, como nos demais, insere a legenda: "Secção brasileira do Partido Comunista Internacional". Os Congressos Internacionais promovidos por Moscou sucedem-se, em Varsóvia, em Praga, em Budapest. A palavra de ordem repete-se em todos os países, numa uniformidade monotona de slogans fabricados em Moscou. E, o que é mais para se notar, os comunistas não procuram esconder a sua ligação com uma Nação Estrangeira, mas alardeiam essa ligação.

Assim sendo, como colocar em igualdade de condições, militares que se envolveram em revoluções de caráter democrático, nacionalista, liberal, com aquêles que se envolveram nos sangrentos conflitos comandados por um govêrno estrangeiro?

Nesta hora em que o Totalitarismo Russo, tendo escravisado a China, volve os olhos para a América do Sul, é um verdadeiro absurdo pretender-se infeccionar as fileiras da Defesa Nacional com elementos notoriamente filiados ao inimigo da Pátria.

Não será com material bélico, nem com recursos econômicos, nem com a mais aprimorada técnica de

guerra que poderemos enfrentar uma situação tão grave. Será, acima de tudo, com o Espírito. Com o Espírito Nacional vivo e ativo, vigilante e eficiente. Ou criamos êsse Espírito, ou somos, de antemão, uma Nação derrotada, humilhada, degradada.

IX

CONHEÇA O COMUNISMO

Ninguém pode combater aquilo que não conhece. Lutar, portanto, contra o Comunismo, exige o conhecimento exato do que significa essa doutrina e dos seus métodos de ação. Procuramos oferecer neste capítulo um roteiro a ser seguido pelos bons brasileiros que pretendam contribuir com seu esfôrço para livrar nossa Pátria do maior dos perigos contemporâneos.

São os seguintes os conhecimentos que deve adquirir todo aquêle que quizer orientar-se e orientar a outros na luta contra o terrível inimigo:

I — **A Doutrina** — Para penetrar nas origens e apreender o desenvolvimento das idéias marxistas, é preciso:

1) — Ter uma noção suficiente do materialismo e do ateismo em que se baseia a vida burguesa do nosso tempo, pois é aí que se encontram as raízes do socialismo dito científico de Marx.

2) — Esclarecer-se sôbre os fundamentos doutrinários do marxismo, sua origem no materialismo evolucionista, transformista e monista, assim como na dialética hegeliana.

II — **A História** — Para saber como o socialismo marxista se desenvolveu a partir dos meados do século passado, necessário se torna:

1) — Acrescentar à leitura do Manifesto de Marx e Engels, tôdas as informações sôbre os movimentos e organisações dos trabalhadores, a partir dos princípios do século XIX; sôbre as diversas formas do socialismo e do anarquismo; e, finalmente, sôbre a própria história do socialismo marxista, através da I, da II e da III.[a] Internacionais.

2) — Lêr os relatos e testemunhos da Revolução Francêsa, da Comuna de Paris e da Revolução Russa.

III — **Técnica e Ação** — Para perceber o sentido de direção do Comunismo e poder interpretar os fatos que hoje ocorrem na política interna e externa da Rússia:

1) — Lêr os escritos e discursos de Lenine, Trotzky, Bucarine, Zinoviev, Stalin (pelo menos êsses) e enfronhar-se, tanto quanto possível,
   a) — sôbre o processo da transformação do Estado na Rússia Soviética;
   b) — sôbre a organização e funcionamento do Comintern, com sede em Moscou e irradiação em todos os países.

2) — Informar-se sôbre os processos mediante os quais se implantou o comunismo nos países hoje dominados pela Rússia.

3) — Ter notícia clara sôbre as resoluções, diretivas, manifestos, organogramas, instruções e determinações da Internacional Comunista para todo o mundo e cada país em particular e conhecer, principalmente, a organização do Partido Comunista no Brasil e na América do Sul, inclusive no que se refere às entidades através das quais age o Comintern.

Aconselhamos, a quem queira ficar senhor de tudo o que se refere ao Comunismo, a leitura das seguintes obras:

— **"Trinta e quatro desiludidos do Comunismo"**, de Julien Steimberg. Publicado em inglês, com o título "Verdict of three decades", constitui a mais completa coletânea de escritos de grandes personalidades do próprio comunismo.

— **"Dez dias que abalaram o mundo"** — de John Read. É livro divulgado pelos próprios comunistas mas que não podem deixar de lêr os que querem lutar contra o comunismo conhecendo como êle foi implantado na Rússia.

— **"O Novo Império Soviético"** — de David J. Dallin. Ahi se vê o novo Capitalismo de Estado, dominando os países onde se implantou o Comunismo e que vivem sob a tirania do Ministério do Comércio de Moscou.

— **"Lenine"** — de Ossendowski — impressionante relato da revolução russa.

— **"Escolhi a liberdade"** — de Victor Kravchenko. É a vida privada e política de um funcionário soviético e a sua fuga para o Mundo Ocidental.

— **"Deus nos subterrâneos da Rússia"** — Pelo Padre Georges. Disfarçado como oficial médico das fôrças anti-nazistas da Croacia, êsse sacerdote viveu

seis meses na Rússia e o seu livro relata episódios sensacionais e revela fatos espantosos.

— **"A Cortina de Ferro"** — de Igor Gouzenko. O autor foi secretário da Embaixada Soviética no Canadá. Subtraiu documentos da maior importância daquela Embaixada, pelos quais se vê que as relações diplomáticas com a Rússia abrem campo à maior das organizações de espionagem do nosso tempo.

— **"Fóra da China vermelha"** — de Liu-Shaw-Tong, narrativa de um intelectual chinez.

— **"Os mistérios da China"** — pelo Padre Marck Tennien, com prefácio do Cardeal Spellman. Livro semelhante ao do Padre Georges, revela a verdadeira fisionomia do bolchevismo naquêle país.

— **"Trabalho forçado na Rússia Soviética"** — de Boris Nicolaiev e J. Dallin. É tudo o que há de mais completo, de mais elucidativo sôbre o assunto. Dados estatísticos, testemunhos e informações históricas.

— **"O Komintern sem máscara"** — de Enrique Castro Delgado, ex-membro do Comité Central do Partido Comunista Espanhol.

— **"Espírito e fisionomia do Bolchevismo"** — de Fülop Miller. Estudo histórico e psicológico do comunismo russo.

— **"A noite ficou atraz"** — de Jan Valtin, onde se vê como trabalham os agentes de Moscou no mundo.

— **"O Acusado"** — por Alexandre Weisberg, livro em que se compreende como são obtidas as "confissões" de pessoas que precisam ser apresentadas ao mundo como culpados.

— **"De Lenine a Malenkof"** — por H. Seton-Watson. Compreende-se através dêste livro a evo-

lução da política russa desde a implantação do comunismo até hoje.

— **"A religião atrás da Cortina de Ferro"** — por Georges Shuster, impressionante depoimento cheio de trágicas narrativas sôbre a maneira de agir da Rússia Soviética nos países por ela dominados.

É evidente que estamos dando uma lista de obras para o conhecimento essencial do comunismo. Um conhecimento mais profundo reclamaria a leitura de Marx, de Lenine, de Kautzki, de Plekanov, de Riazanov, de Trotzki, de Rosa de Luxemburgo, de Bucarini, incluindo as "Obras" de Stalin, assim como os livros dos socialistas e dos anarquistas do século passado e do presente.

Recomendamos o estudo da história da Revolução Francesa e da Comuna de Paris, no século passado, do mesmo modo como tudo o que se referir ao período da revolução industrial e das reivindicações proletárias do século XIX.

Não devem esquecer os que pretendem informar-se com precisão acêrca do socialismo e do comunismo, as Enciclicas Papais, principalmente as seguintes: **de Pio IX:** "Qui pluribus", 1846; "Noscistis et Nobiscum", 1849; "Quibus quantisque" (alocução), 1849; "Singulari quandam" (alocução), 1854; "Quanto conficiamur" (alocução), 1863; **de Leão XIII:** "Quod apostolici muneris" ,1878; "Diuturna", 1881; "Libertas", 1888; "Rerum Novarum", 1891; **de Pio XI:** "Quadragesimo anno", 1931; "Charitate Christi compulsi", 1932; "Divini Redemptoris", 1937.

Com essas leituras, qualquer pessoa está informada a respeito de quanto é necessário saber para se pôr em forma na luta contra o pior inimigo da Humanidade.

Entre livros nacionais brasileiros que procuram

elucidar os nossos patrícios sôbre o terrível perigo que ameaça nossa Pátria, convem lêr e meditar o que escrevemos, sob o título "Mensagem às pedras do deserto", que completa tudo o que se procurou ensinar no presente volume.

Recomendamos, ainda, o livro de J. C. Fairbanks, "Refutação científica ao comunismo"; o do Padre Cabral, "A Igreja e o Marxismo", e os de Gustavo Barroso, nêsse gênero, e o artigo do Padre Leonel Franca, inserido em "Verbum", intitulado "Ateismo Militante".

Uma vez conhecidas essas obras, o estudioso dêsse problema, que é o mais grave do mundo moderno, poderá, por si mesmo, aprofundar-se no conhecimento do assunto, buscando, principalmente, as fontes da doutrina comunista nos seus próprios autores e divulgadores.

APENDICE

ESTRUTURA DA INTERNACIONAL COMUNISTA

O COMINTERN (OU COMINFORM)

1) — A *Terceira Internacional Comunista (Comintern)* *orienta e comanda as seguintes Comissões:*

a) — Central do Grande Partido Comunista Bolchevique;

b) — Internacional de Controle;

c) — Central de Controle.

2) — O *Presidium* (Comissão Executiva da Internacional Comunista), além do controle sôbre:

a) — Universidade Comunista;

b) — Universidade Comunista para Minorias;

c) — Escolas da Universidade Lenine;

d) — Escolas Militares;

exerce, também, e principalmente, a sua ação sôbre o

3) — *Secretariado Político, ou Geral.*

Estão subordinados ao *Secretariado Geral,*

a) — o Bureau Político;

b) — o Bureau de Organização;

E ainda as seguintes Comissões Permanentes:

a) — Política;

b) — Extremo Oriente;

c) — Trabalho;

d) — Militar;

Estão subordinados ao *Secretariado Geral* além daquêles Bureaux e Comissões, os seguintes *Departamentos, Secretariados* e *Organisações:*

a) — Departamentos:

I — Agitação e Propaganda (Agit-Prop);
II — Quadros;
III — Juventude Comunista Internacional;
IV — Publicações;
V — Finanças;
VI — Informações;
VII — Cooperativas;
VIII — Internacional do Trabalho;
IX — Secretariado Internacional Feminino.

b) — *Secretariados:*

I — Anglo-Americano;
II — Europa Central;
III — Escandinavia;
IV — Balkans;
V — Baltico Polonês;
VI — Europa Latina;
VII — América Latina e Antilhas;
VIII — Oriente.

c) — *Organisações:*

I — Fração Partidária (apenas a diminuta parte das massas inscrita no Partido Comunista);
II — Profintern (Organisação vermelha dos trabalhadores);
III — Internacional Vermelha dos Camponeses;
IV — Juventude Comunista Internacional (KIM);
V — Apostintern (Internacional Vermelha do Esporte);
VI — Relações Culturais da Russia com o Exterior (VOKS);
VII — Filatelica Internacional;
VIII — Socorro Vermelho Internacional (MOPP);

IX — União Internacional dos Voluntários do Teatro;
X — Movimento Revolucionário Internacional dos Escritores, Pintores e Escultores;
XI — União Internacional dos Músicos;
XII — Associação Internacional de Intercâmbio Médico entre a URSS e Países Estrangeiros;
XIII — Países eslavos;
XIV — Comissões anti-fascistas.

Tudo o que vem acima enunciado funciona em Moscou, como centros de direção para todos os países. Vejamos agora os órgãos que funcionam no Exterior, subordinados diretamente ao Secretariado Geral Moscovita. Dividem-se em;

a) — Órgãos quanto à finalidade
b) — e Órgãos quanto à divisão geográfica.

Os primeiros (quanto à finalidade) existentes em cada país, são:

I — Internacional Vermelha de Marítimos, Estiva etc. (ISM);
II — Associação Jurídica Internacional;
III — Internacional de Educadores;
IV — Internacional de Proletários e Camponeses;
V — Sociedade de Amigos da U.R.S.S.;
VI — Internacional Feminina;
VII — Internacional de veteranos e vítimas da guerra (ex-combatentes);
VIII — Liga contra o Imperialismo;
IX — Ligas Pro-Paz;
X — Ligas Nacionalistas;
XI — Ligas femininas.

b) — Órgãos quanto à divisão geográfica:

I — Bureau dos Balkans;
II — Bureau da América Latina e Antilhas;

III — Bureau da Europa Ocidental;
IV — Bureau do Extremo Oriente.

A êstes estão subordinados:

I — Federação Comunista Balkanica;
II — Federação Comunista Latino-Americana;
III — Federação Comunista Escandinava.

O PROFINTERN

O que vimos, até agora, foi a organização do *Comintern*.

Vejamos, em seguida, como está estruturado o *Profintern*.

Existe um *Congresso Mundial*, um *Conselho Central* e um *Bureau Executivo*.

A êste se subordinam, através de um *Secretariado Geral Permanente*, os seguintes *Departamentos:*

a) — Relações com os Centros Nacionais, Imprensa e Informações (5 Bureaux Geográficos), sob a direção de um Sub-Secretário Geral;

b) — Setores Trabalhistas, sob a direção de um Sub-Secretário Geral;

c) — Econômico e Social, sob um Sub-Secretário Geral;

d) — Departamento Administrativo (Contabilidade, Estenografia, Traduções).

Filiam-se ao Bureau Executivo os seguintes bureaux:

a) — Asiatico;

b) — América Latina (CTAL);

c) — Africano;

d) — Oriente Próximo;

e as Centrais Nacionais:

a) — A.U.C.C.T. (U.R.S.S.);

b) — Sindicatos dos Satelites;

c) — A.C.F.L. (China);

d) — C.G.I.L. (Itália);

e) — C.G.T. (França);
f) — e outras dos demais países.

Diretamente ligados ao Departamento relativo ao Setor Trabalhista, estão os órgãos comunistas dirigentes das seguintes organizações:

— Estiva e Marinha Mercante;
— Transportes Aéreos e Terrestres;
— Mineiros;
— Metalurgicos;
— Trabalhadores em Construções;
— Indústrias Químicas;
— Professores;
— Funcionários dos Correios e Telégrafos;
— Indústrias de Bebidas e Alimentos;
— Indústrias de Madeiras;
— Tecidos e Vestuários;
— Couros e Sapatos;
— Indústrias petrolíferas;
— Funcionários federais, estaduais e municipais;
— Indústrias Gráficas;
— Artistas, pintores, escultores e arquitetos;
— Músicos;
— Jornalistas e escritores;
— Usinas e Centrais Elétricas.

São organizações auxiliares do Profintern:

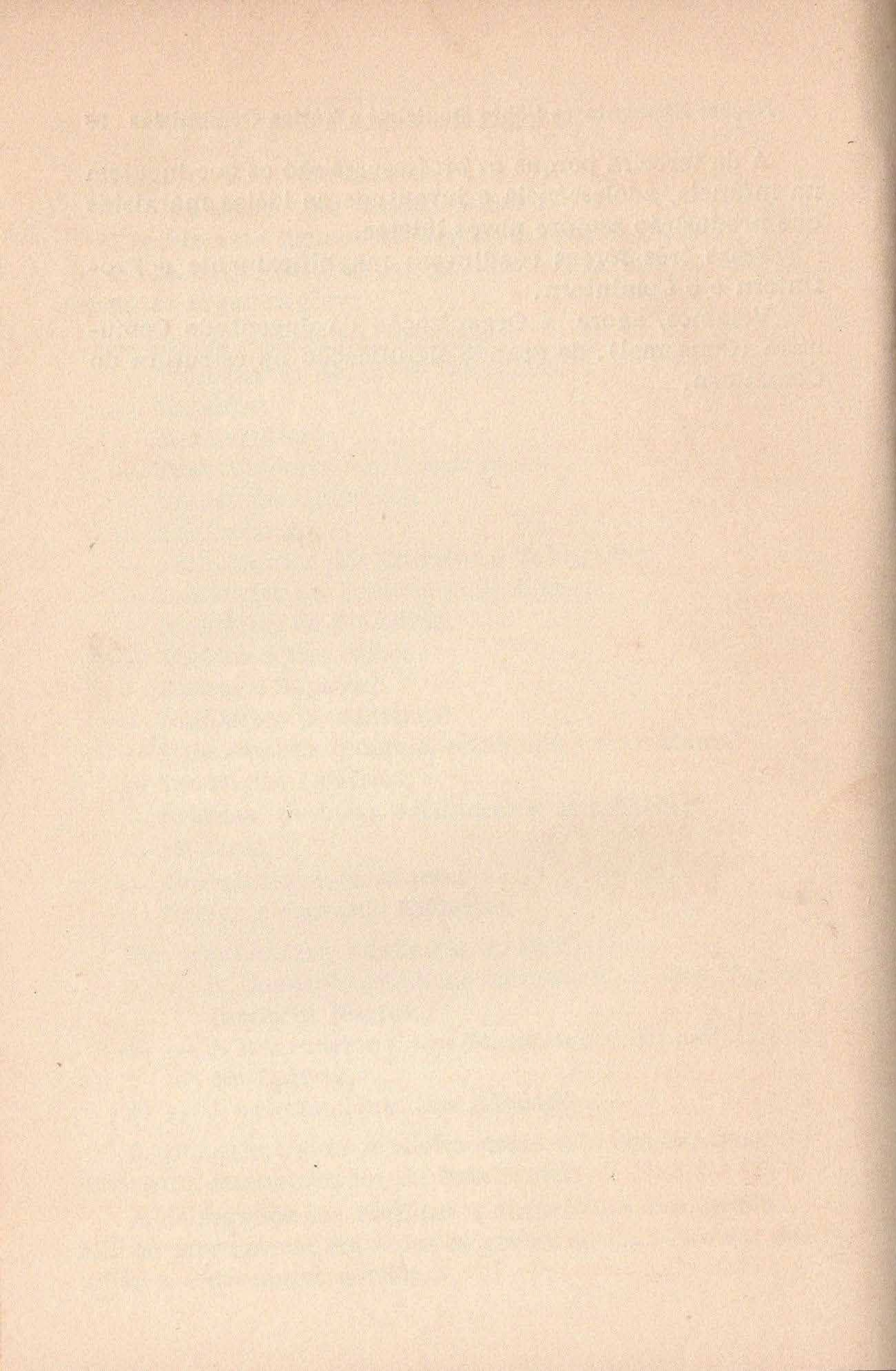
a) — A Comissão Sindical Internacional dos Trabalhadores Negros;
b) — A Internacional dos Marítimos e Trabalhadores em Estivas;
c) — A Internacional dos Educadores.

A importância da primeira delas está em ser um instrumento desencadeador da luta racial.

A da segunda em facilitar a entrada e saída de material de propaganda em todos os portos do mundo e em auxiliar a espionagem soviética.

A da terceira porque os professores são os que incutem na infância, adolescência e juventude as idéias marxistas que produzirão sempre novos líderes.

Essas três fôrças coadjuvam magnìficamente o Profintern e o Comintern.

Vejamos, agora, a Organização da Juventude Comunista (Consomol), de grande significação na estrutura do Comintern.

O CONSOMOL

Até aqui vimos as organizações do *Comintern* e do *Profintern*.

Examinemos o *Consomol*.

A finalidade do *Consomol* é a arregimentação e a educação da Juventude, tanto na U.R.S.S. como em todos os países.

Na U.R.S.S. funcionam, em ordem vertical de hierarquia:

1) — Congresso do Consomol;
2) — Comissão de Controle;
3) — Bureau;
4) — Secretariado.

Êste Secretariado superintende os seguintes Departamentos:

a) — Quadros;
b) — Propaganda;
c) — Organização — Instrução;
d) — Cultura;
e) — Educação Física e Militar;
f) — Pioneiros Juvenis;
g) — Ação entre a Juventude Estudantil;
h) — Ação entre a Juventude Trabalhista;
i) — Ação entre a Juventude Rural;
j) — Escolas de Comércio.

Quanto à subdivisão geográfica, o órgão deliberativo (Congresso do Consomol) funciona na seguinte ordem:

1) — Congresso da União das Repúblicas Soviéticas;

2) — Conferência de cada uma das 16 Repúblicas federais;
3) — Conferência Regional (Oblast-KRAI);
4) — Conferência Distrital (Urbana e Rural);
5) — Reunião da Organização Primária Local.

A AÇÃO MUNDIAL DO CONSOMOL

A Ação Mundial do Consomol é exercida pela *Organização da Federação Mundial da Juventude Democrática* (F.M.J.D.)

Esta recebe orientação e ordens:

a) — do *Consomol*, derivadas da C.C.V.K.P. e oriundas da U.R.S.S.;

b) — Dos Partidos Comunistas Nacionais;

c) — Da infiltração comunista nos órgãos da ONU (Nações Unidas)!

A *Federação Mundial da Juventude Democrática* funciona mediante os seguntes órgãos:

a) — Congresso Mundial da Juventude;

b) — Conselho Executivo;

c) — Comissão Executiva;

d) — Secretariado Permanente.

Filiados diretamente ao Congresso Mundial, estão:

a) — União Internacional dos Estudantes (U.I.E.);

b) — Partidários da Paz;

c) — Congresso de Paz Mundial e Conselho de Paz Mundial;

d) — W.F.T.U.;

e) — W.F.D.T..

Subordinados ao Congresso e ao Conselho Executivo, Comissão Executiva e Secretariado Permanente:

a) — Conferência da Juventude Européia;

b) — Conferência da Juventude Latino-Americana;

c) — Conferência da Juventude Internacional Trabalhista;

d) — Festival da Juventude Mundial.

O Secretariado Permanente comanda os seguintes Bureaux:

a) — De Organização;
b) — Partidário e Propaganda;
c) — Intercâmbio Cultural da Juventude;
d) —
e) — Reconstrução (nos países satélites);
f) — Juventude Combatente do

E mais as seguintes comissões:

a) — Combatentes pelos Direitos da Juventude Trabalhista;
b) — Ação nos Estados Unidos, Inglaterra e territórios Anglo-Saxonicos;
c) — América
d) — Resistência Armada da Juventude;
e) — Reeducação da Juventude para o Comunismo na Alemanha e no Japão.

Geograficamente, a Federação Mundial da Juventude Democrática se divide e sub-divide em:

a) — Nacional;
b) — Regional;
c) — Distrital;
d) — Local.

OUTRAS ORGANIZAÇÕES

Por se tratar de matéria mais especialisada e por não ser conveniente que o Comunismo Internacional saiba até que ponto conhecemos as suas complexas estruturas, deixamos de dar nestas páginas diversas organizações, como por exemplo, a que funciona nas Fôrças Armadas dos diferentes países do mundo, incluindo Exército, Marinha e Aeronáutica.

Igualmente, e por motivos óbvios, não nos demoraremos no estudo da sua polícia política, da sua organização internacional de espionagem e contra-espionagem.

A polícia política russa passou por sucessivas transformações e aperfeiçoamentos, com mudanças de designações. Começou com a Tcheca, nos primeiros dias da revolução vermelha, a qual substituiu a famosa Okrana dos Czares. Passou, depois, a ser a terrível G.P.U. nos moldes da Gestapo nazista. Novos processos, novas técnicas, transmudaram-na em seguida na odiosa N.K.V.D. e finalmente esta, firmando-se em novos critérios e técnica científica, tomou o nome de M.V.D.

A espionagem e contra-espionagem é exercida pelo conubio dessa organização interna ampliada para o Exterior, com a rede das representações consulares e diplomáticas, ligando-se os fios da teia moscovita com os partidos comunistas de cada país.

Em conclusão: o monstro vermelho, devorador de homens e de nações, destruidor das liberdades humanas e conspurcador da dignidade da criatura de Deus, constitui,

nos dias presentes, a maior, a mais perfeita, a mais eficiente de tôdas as organizações em tôdas as épocas da História.

Ou nos levantamos, nos organizamos, firmemente, para lhe dar combate, ou teremos de ver cair sôbre a terra o mais pavoroso negror de uma noite sem precedentes.

PLANOS REVOLUCIONÁRIOS DO COMUNISMO

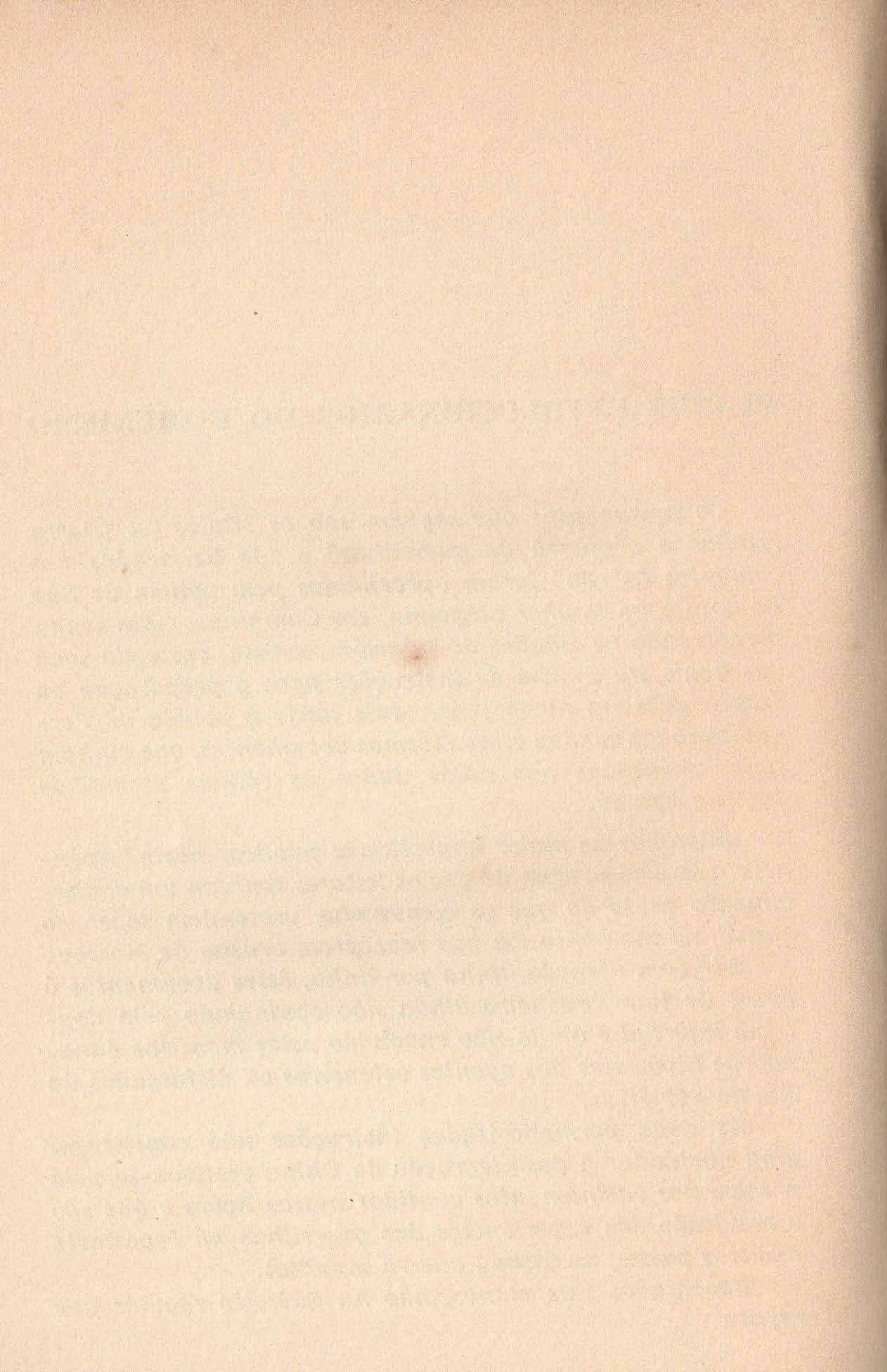
PLANOS REVOLUCIONÁRIOS DO COMUNISMO

Os documentos que seguem sob os títulos "A guerra regular e a guerra de guerrilhas" e "As barricadas nos combates de rua" foram apreendidos pela polícia de São Paulo a uma mulher alagoana, em Campinas. Ela vinha percorrendo as cidades do interior paulista, em cada uma das quais transmitia as instruções para a preparação da guerra civil em nosso país. Mais tarde a polícia de Pernambuco apreendeu êsses mesmos documentos, que vinham sendo utilizados nas aulas dadas às células vermelhas daquêle Estado.

Julgamos da maior importância publicar nêste "Apendice" tais lições, afim de que os leitores tenham um conhecimento exato do que os comunistas pretendem fazer no Brasil, no momento em que receberem ordens de Moscou.

Lêr com atenção, linha por linha, êsses documentos é dever de todo brasileiro ainda não contagiado pela doutrina infernal e ainda não envolvido pelas mentiras e manobras hipócritas dos agentes ostensivos ou disfarçados da Rússia Soviética.

As duas pormenorizadas instruções não constituem uma novidade. A desintegração da China efetivou-se pela prática dos ensinamentos contidos nessas lições e que são o resultado das experiências das guerrilhas na Iugoslávia e outros países, na última guerra mundial.

Executados tais planos, não ha Exército regular que resista.

A GUERRA REGULAR E A GUERRA DE GUERRILHAS

(Diferenças, pontos de contáto, ligações)

A perspectiva de instauração em nossa Pátria de um govêrno popular revolucionário está intimamente ligada, seja qual for o desenvolvimento da situação internacional (paz ou guerra), à perspectiva da criação de um exército popular revolucionário. A base de um exército popular é, fundamentalmente, o povo armado e pode-se dizer que o novo exército do povo está se formando, desde já entre nós, dentro das lutas de massas dos trabalhadores brasileiros contra a fome, a exploração e a violência policial, nas cidades e nos campos e dentro da resistência da maioria da nação à colonização do Brasil e à ameaça eminente de uma nova guerra imperialista. Mas, por outro lado, num país como o nosso em que as fôrças armadas possuem tão fortes tradições de confraternização e mesmo de participação ativa nos movimentos populares pela Independência, pela República e contra o Imperialismo, é necessário considerar a contribuição inestimável que a nação espera e deve receber de suas fôrças armadas — seja através de seus quadros e do apôio da grande massa de soldados e marinheiros às lutas das massas trabalhadoras, seja através da adesão à luta patriótica de unidades inteiras, homens e material. Sem ir mais longe, os exemplos de Guararapes, da guerra dos Cabanos e outras, assim como o exemplo recente da Coluna Prestes, mostram bem de que são capa-

zes as formações militares de que participam, unidos por um objetivo comum, os patriotas fardados e os patriotas sem uniformes. Mas, é a experiência internacional que fornece hoje, nêsse particular, os ensinamentos mais atuais e mais completos — e em primeiro plano, os exemplos recentes que nos vêm da Ásia e da Europa, na grande guerra dos povos contra os invassores nazistas ou japoneses, de 1931, 1936, ou 1939 até o fim da segunda guerra mundial.

Em 1922, na Rússia Soviética, terminada a guerra contra a intervenção estrangeira, o Exército Vermelho, de recente criação, condensou, em sua doutrina militar, as experiências da grande guerra de 1914-1918 e da guerra civil contra as antigas classes dominantes aliadas aos intervencionistas estrangeiros. Era o primeiro exemplo concreto de doutrina militar de um moderno exército do povo. Da mesma forma, os novos exércitos populares nascidos das lutas de Resistência às tropas do Eixo, de 1940 a 1945, apoiam-se numa ciência militar que abrange desde a arte da guerrilha, essencialmente popular, às mais avançadas concepções da arte militar dos modernos exércitos regulares. E o mesmo se pode dizer dos novos exércitos democráticos que, a partir de 1945, se vêm forjando e desenvolvendo na guerra patriótica contra a intervenção imperialista, seja americana (na Grécia), inglêsa (na Birmania), seja da Holanda ou da França (na Indonésia, no Viet-Nam).

Isso quer dizer que, longe de se excluirem, a guerra de guerrilha e a guerra regular se combinam, se entrosam e se completam. É evidente que, "no início de uma verdadeira guerra popular, tudo ou quase tudo deve basear-se na guerrilha", a qual representa então a forma fundamental da guerra. Mas, dentro do próprio desenvolvimento da luta, a guerrilha, aumentando suas fôrças e seus meios de ação, cresce no sentido de adaptar sua organização, seus princípios e suas tarefas de guerra à organização e aos princípios básicos das unidades regulares. Por sua vez, uma vez formado em bases novas o exército

regular, êste apoia firmemente sua tática, sua estratégia e sua própria organização, numa ligação sempre mais íntima com o povo e com novas fôrças de guerrilhas — combinando a ação das unidades regulares com a ação multiforme dos guerrilheiros e com as ações de massa da população, tanto nas frentes de batalha como na retaguarda dos exércitos do adversário.

Num estudo extremamente útil sôbre o papel da "guerra de guerrilhas na guerra total anti-imperialista" na China, Mao-Tze-Tung analiza essa interligação entre a guerrilha e a guerra regular, bem como as origens, as características e as condições de vitória e de fracassos das guerras populares. São dêle e de outros chefes combatentes, tanto da guerra da China como das recentes guerras patrióticas da Europa e da Ásia e, ainda hoje, da Grécia e da Espanha — as passagens e observações que seguem.

QUE É A GUERRA DE GUERRILHAS?

> "A guerrilha é parte integrante de tôdas as guerras que têm um caráter revolucionário". Ela "não pode ser vista como uma forma independente de fazer a guerra mas como uma forma e uma etapa de guerra e, básicamente, como uma forma e uma etapa das guerras revolucionárias". Assim, "a guerrilha não possui caráter absolutamente independente, visto que constitui sòmente uma fase da guerra". Para realizar o objetivo da guerra, ela deve gradualmente desenvolver-se e levar suas fôrças principais a transformarem-se em exércitos regulares, a desencadear uma guerra coordenada com outras fôrças de guerrilha disseminadas através do país e com exércitos regulares já existentes ou de recente organização. "Assim, a guerra de guerrilha obedece a leis objetivas de desenvolvimento".

Se, como ensina Clausewitz, "a guerra é a continuação de uma política" a guerra de guerrilha representa, na China, "a continuação da política de um povo semi-colonial em sua luta contra o imperialismo; ela deve, portanto, possuir um objetivo político claramente definido e deve empreender resolutamente tarefas políticas imediatas ou um programa político de frente única nacional e contra o imperialismo.

Isso quer dizer: despertar, organizar e consolidar pol̀iticamente as grandes massas populares; unir pol̀iticamente as fôrças internas, desintegrar pol̀iticamente o inimigo, destruir o seu poder político; estabelecer um poder político anti-imperialista, recuperar os territórios ocupados pelo inimigo, criar bases anti-imperialistas na retaguarda dêste, cooperar com tôdas as fôrças armadas anti-imperialistas a lutar pela conquista definitiva de objetivo político final — a emancipação nacional.

Os que pensam que "a guerra de guerrilhas não é um problema político mas um problema puramente militar", adotam um ponto de vista que privaria a guerra de guerrilha de seu objetivo político e que "levaria inevitàvelmente ao abandono do trabalho político, ao desaparecimento do apôio popular e à eventual derrota da guerra de guerrilha".

Ora, a condição essencial para a vitória de uma guerra popular está em sua ligação íntima com o povo:

"Se o objetivo político da guerrilha não coincide com o do povo, se não implica no apôio, na participação, na ajuda ou na ação coordenada de parte do povo, ela também fracassará. Eis porque a guerrilha só pode ser uma forma de guerra revolucionária e não pode ser adotada por qualquer espécie de guerra contra-revolucionária. Isso resulta do

fato de que a guerra de guerrilha é fundamentalmente organizada e assegurada pelas massas e não há possibilidade para ela de persistir e desenvolver-se uma vez isolada do povo ou incapaz de atrair a participação e a cooperação das amplas massas". É indispensável, pois, levar em conta "o caráter de massas próprio da guerrilha". Ela é "a fôrça armada das massas empenhadas em sua tarefa politica-anti-imperialista e não se separa das massas um só minuto que seja".

COMO NASCEM AS GUERRILHAS?

Na Europa e em certos países da Ásia, as unidades de guerrilhas nasceram diretamente do povo e, fundamentalmente, das lutas de massas contra a fome, a requisição de víveres, a pilhagem; da resistência ao terror, à mobilização para o serviço militar e para o trabalho forçado exigido pela máquina de guerra do inimigo. Tal foi o exemplo típico da França. Noutros países, como a Polonia, a Checoslováquia, a Noruega e regiões inteiras da União Soviética, a guerrilha se beneficiou do concurso de grandes e pequenas unidades do exército nacional, batidas e cortadas das suas bases pelos exércitos invasores e que, recolhendo-se aos pântanos ou às montanhas, continuaram a guerra apoiadas na resistência popular. Podem-se incluir nêsse caso a Checoslováquia e em parte a Itália, onde frações do exército se rebelaram mais tarde contra os ocupantes e aderiram às formações nacionais de guerrilheiros.

Mao-Tze-Tung indica que, na China, a criação das fôrças de guerrilhas apresenta muitas formas diferentes, a saber:

— fôrças de guerrilhas criadas dirêtamente pelas massas populares (é a forma básica e a juventude chinesa, sobretudo os jovens estudantes, nela desempenharam sempre um papel de primeira importância);

— fôrças oriundas da milicia local;
— fôrças nascidas de tropas inimigas amotinadas;
— fôrças constituidas por grupos de bandoleiros.

Há ainda outras formas e nelas aparece, nìtidamente, a estreita colaboração entre a ação de um exército regular constituido, apoiado numa base territorial, e as ações de guerrilheiros disseminados através do território. Elas vizam coordenar a guerra de guerrilhas com a guerra de movimento, desenvolver a guerra de guerrilhas durante um período em que ela não é bem compreendida ou imprimir uma direção segura à guerrilha em determinada região. É o caso, entre outros, dos

— destacamentos (provisórios ou permanentes) enviados a uma região por um exército regular;

ou das

— fôrças mixtas, constituidas por um destacamento militar e grupos populares.

O estudo das diferentes fases por que pode passar a guerra popular permite compreender melhor essa variedade de origem das unidades de guerrilhas. Um folheto editado pelo Conselho Nacional de Resistência, na França, durante a ocupação ("A insurreição é uma arte"), define assim as quatro fases estratégicas e táticas por que pode passar a guerra popular, isto é, a transformação de uma nação desarmada em uma nação armada:

1.ª etapa: a pequena guerrilha (destacamentos muito pequenos de franco-atiradores e de guerrilheiros).
Objetivo estratégico: destruir o sentimento de segurança do inimigo.
Tática: emboscada, ataques por surpreza; matar os oficiais e soldados isolados, armar-se com suas armas. Acrescentar: sabotagem sob tôdas as formas — nas fábricas, centrais; destruição das linhas de alta tensão, dos transportes que servem ao inimigo, etc.

2.ª etapa: a guerrilha organizada:

Objetivo estratégico: impedir o inimigo de ser senhor do país que ocupa (aparecem as primeiras bases e zonas libertadas). Chega-se a isso, obrigando o inimigo a dispersar suas fôrças para fazer frente ao perigo da insurreição que se prepara.

Nessa segunda etapa, o objetivo estatégico impõe o ataque massiço às comunicações do inimigo. Deve-se levar em conta que, quanto mais moderno e motorizado é um exército, quanto mais depende da indústria e dos transportes, tanto mais êle é vulnerável aos golpes dos franco-atiradores e guerrilheiros. O esfôrço principal é dirigido contra as vias férreas, comportas, transformadores, etc. Para dispersar as fôrças do inimigo, é necessário atacar sua *fôrça* viva — patrulhas, pequenas guarnições, destacamentos em marcha; êsses ataques-relampagos e a conquista de armas exigem já a formação de destacamentos disciplinados. "A ação combinada de vários destacamentos, convergindo de pontos diferentes sôbre o inimigo e retirando-se por itinerários diferentes, uma vez executado o plano previsto, permite as mais belas combinações da arte militar, a aplicação, em pequena escala, das regras estratégicas de uma grande guerra" (Kamienski).

3.ª *etapa: formação dos primeiros grandes núcleos do exército insurrecional.*

A tática — é a continuação da anterior, admitindo já as primeiras *batalhas campais*. Condições para isso: treinamento suficiente dos franco-atiradores e guerrilheiros e combatividade ampliada da população local, pois a *todo preço* é necessário arrastar à luta a população local. Com as primeiras vitórias, podem se encarar as possibilidades das bases estáveis, sob condições de estar sempre pronto a disseminar de novo as fôrças, em caso de derrota

militar temporária. Então, adotar *a ordem dispersa e ampliar suas fôrças "mergulhando no povo"* (caso de zonas libertadas e de grandes cidades em mãos de patriotas e servindo-lhes de bases). A condição política está em ter um programa de ação sentido pelo povo, apoiar-se nas suas reivindicações, defender seus interêsses, *ser o seu exército*. Punir e banir a pilhagem, a provocação. Vigilância constante contra a penetração inimiga, a espionagem, etc.

4.ª etapa: a insurreição nacional.

Objetivo: libertação do território nacional.

Levante em massa. Formação do exército nacional "regular" enquadrado pelos franco-atiradores e guerrilheiros aguerridos. Estrategia regular na guerra contra o inimigo, embora conservando a guerrilha que, como diz Kamienski, "deve seguir seus próprios métodos até o fim da guerra e assim apoiar ao exército".

"Para chegar à insurreição nacional, é necessário assegurar os seus fundamentos: (1.º) — o desenvolvimento, dentro da ação e do combate, das organizações militares; (2.º) — a unidade patriótica da nação. Trata-se de uma luta patriótica de todo o povo em que não se consideram apenas as ações armadas e as sabotagens mas também as ações de massas sob tôdas as formas e, em particular, as greves com ocupação dos locais de trabalho e as greves insurrecionais".

O mesmo caminho é indicado pelos chefes da Resistência na Itália. No folheto "Mobilizar e organizar o povo para a insurreição" — (Milão, 1945) se indica que

> "a insurreição nacional não deve ser apenas a tarefa de uma vanguarda, mas de tôdo o povo. Para chegar à insurreição geral é necessário combinar os golpes dos pequenos grupos, as ações militares de maior envergadura e as ações de massas".

Que essa tática e essa estrategia são superiores às dos invasores, os próprios acontecimentos é que o demonstram. É claro que o objetivo estratégico varia com as condições nacionais e com o próprio desenvolvimento da luta. No ocidente como no leste da Europa, a estrategia dos patriótas viza abalar o sentimento de segurança no seio do adversário, destruir sua máquina de guerra, reter e desviar das frentes de guerra o maior número de divisões inimigas, defender a propriedade nacional, preparar a insurreição geral e assim apressar a ofensiva dos aliados, colaborar com as fôrças regulares uma vez desencadeada a batalha; na União Soviética, na Iugoslávia, na Grécia, ela faz parte integrante das ofensivas do exército nacional, impede ou dificulta a retirada das fôrças do inimigo, apressa a libertação de cidades e regiões, retarda os esforços adversários ou a chegada do seu material aos teatros de operações. Vê-se assim, que a estratégia dos guerrilheiros, mesmo quando se refere a fôrças que representam apenas os primeiros núcleos de um exército popular, não tem um aspecto isolado: ela se entrosa com a estrategia das Nações Unidas. O combate dos aliados, sobretudo na frente de leste, visa a exterminação do adversário. Mas "a vitória final só pode ser assegurada quando as tropas inimigas, batidas, não podem mais contar com uma retaguarda sólida moral e economicamente".

> "O sucesso final e definitivo só pode ser assegurado (ensinam os regulamentos soviéticos de Serviço em Campanha) com a destruição da potência militar em seu conjunto.
> Assim, o plano de conduta da guerra não deve apenas prever a destruição do grosso das fôrças inimigas numa única batalha decisiva, mas deve, igualmente, basear-se no estudo das diferentes formas que pode revestir a luta para o aniquilamento total da potência militar do adversário".

Ao lado da aviação estratégica de longo alcance e da

ação das tropas aéreo-transportadas e de outros meios — essas "diferentes formas que pode revestir a luta" têm sua verdadeira expressão nos exércitos populares que se forjam dentro de cada país ocupado. Para isso, a condição essencial é *a ação*, pois "o combate é o melhor meio para atingir à operação estratégica". Assim, a estrategia dos patriótas na sua guerra popular visa a sabotagem e a destruição da máquina de guerra dos invasores, a desorganização dos seus transportes, a insegurança e o aniquilamento de suas tropas, sua expulsão do país. Combinando-se com a luta armada, figuram a sabotagem à entrega de víveres e matérias primas, a resistência às requisições, a recusa a participar na guerra a serviço do inimigo, a trabalhar para êle, a aceitar sua presença e a ditadura de seus agentes nacionais. Dai, a fonte inexgotável das reservas dos exércitos do povo: a juventude que se nega ao serviço militar e ao trabalho para o inimigo; a classe operária que se recusa a produzir para os opressores da nação; os camponeses que escondem e defendem seus produtos e sua propriedade; os militares patriótas que, em número sempre maior, compreendem a justesa da causa nacional e se colocam a seu serviço. Mao-Tze-Tung ensina que

> "mesmo nos países em que há uma grande debilidade na organização popular, a brutalidade do invasor facilita o esfôrço unitário de resistência. A guerra torna-se uma luta de todo o povo".

Uma importância especial adquire o trabalho político de desagregação e desmoralização das fôrças armadas do adversário as quais se caracterizam "por uma extrema heterogeneidade política e moral que influe de forma cada vez mais acentuada sôbre suas qualidades militares"; como se vê, os objetivos patrióticos da guerra popular trazem a estrategia geral da guerra uma contribuição extremamente importante caracterizada

> *pela decomposição política das tropas*
> *pela destruição do material e da potência de fogo*

pelo exgotamento ou pela imobilização das reservas; pela redução da base territorial do adversário.

Quanto à tática dos guerrilheiros,

"ela é superior à do inimigo porque se baseia no contáto estreito com a população, no conhecimento do país, do animo, dos movimentos, dos efetivos e dos próprios planos imediatos do adversário; ela se baseia na mobilidade dos destacamentos, no conhecimento da topografia local, no ataque inesperado e fulminante, na rapidez de concentração e na ordem dispersa, no apôio mútuo das unidades, numa tenacidade heróica e sem limites na batalha; e, ainda, num serviço de informações que se apoia nas massas, dispôe de milhares de olhos e de orelhas à escuta e que ajuda a extirpação da traição e da espionagem a serviço do inimigo".

Os princípios com que o "exército de libertação do povo vem derrotando Chan-Kai-Chek" mostram bem o poder de síntese e a clareza didatica de Mao-Tze-Tung:

1.º — Atacar primeiro inimigos isolados e espalhados e depois atacar inimigos poderosos e concentrados.

2.º — Tomar primeiro vilas e cidades pequenas e medias e o campo e depois tomar as grandes cidades.

3.º — Considerar como objeto principal o aniquilamento da fôrça combatente do inimigo e não a retenção ou tomada de cidades e posições.

4.º — Concentrar fôrças absolutamente superiores em qualquer batalha — o dobro, o triplo, o quadruplo e algumas vêzes fôrças cinco ou seis vêzes maiores do que as do inimigo — para cercar o inimigo por todos os lados e lutar pelo seu aniquilamento sem que ninguém escape da rede. Evitar batalhas de desgaste nas quais os ganhos não compensam as perdas, ou

nas quais os ganhos simplesmente contrabalançam as perdas.

5.º — Não lutar em batalhas não planejadas, não lutar em batalhas onde não ha certeza de vitória; procurar assegurar o planejamento e a certeza de vitória em tôda batalha, na base da relação existente entre nossas condições e as condições do inimigo.

6.º — Desenvolver no combatente as qualidades peculiares ao combate heróico: não temer o sacrifício, a fádiga e ações contínuas — isto é, lutar sem descansar em várias batalhas sucessivas dentro de um curto espaço de tempo.

7.º — Procurar destruir o inimigo quando em movimento. Ao mesmo tempo acentuar a importância da tática de atacar posições, tomando do inimigo bases e pontos fortes.

8.º — Em relação ao problema de ataques a cidades, arrebatar do inimigo de forma absoluta todos os pontos fortificados e cidades defendidas fracamente. Em oportunidades favoráveis e onde as circunstâncias o permitam tomar do inimigo todos os pontos fortificados e cidades defendidas de maneira regular. Esperar até que as condições amadureçam e então tomar todos os pontos fortificados e cidades poderosamente defendidas.

9.º — Restabelecer as nossas tropas capturando tôdas as armas do inimigo e a maioria de seus homens. A fonte dos homens e do material do nosso exército está principalmente na frente de luta.

10.º — Saber utilizar os intervalos entre duas campanhas para descansar, para reagrupar e treinar as nossas tropas.

DIFERÊNÇA ENTRE A GUERRA DE MOVIMENTO OU DE POSIÇÕES E A GUERRILHA

Temos, assim, os elementos necessários para definir as diferenças principais entre a guerra de guerrilhas e a guerra regular. Essas diferenças características se referem: ao número de unidades empregadas numa operação; à organização; ao equipamento, à tática; às relações entre os comandos; às tarefas de combate e às relações entre a frente e a retaguarda.

Em primeiro lugar: em confronto com as unidades regulares, as unidades de guerrilhas são numerosas, mas reunem em suas fileiras um número pequeno de combatentes, o qual vai de alguns indivíduos a centenas e a milhares. Numericamente, êsses efetivos são muito menores que as unidades regulares. Em resumo: *número de unidades:* maior; *efetivos:* menores.

Em segundo lugar: Como a guerra de guerrilhas, principalmente, depende de grupos pequenos ou de corpos organizados apressadamente pelo povo ante a aproximação do inimigo, a organização obedece a uma necessidade local e tem pequena amplitude. As armas são geralmente elementares e o abastecimento se faz com tudo o que pode ser obtido no distrito local. Tôdas essas coisas são diferentes nos exércitos regulares.

Em terceiro lugar: o caráter da tática de guerrilha é também irregular, fundamentalmente ágil e manobreiro, evitando em geral, os embates decisivos. Nem se parece com a *guerra de posição,* cuja tática se baseia na defesa e no ataque sôbre uma frente fixa, em combate diréto e aberto, sem um caráter qualquer de flexibilidade; nem se parece com a guerra de movimento, cuja tática regular consiste em esclarecer, patrulhar, avançar, recuar, atacar e defender, em combate direto e aberto o inimigo, mantendo um caráter de clareza e de ordem.

A transformação de uma *guerra de movimento* em

guerra de posição a qual é possível na guerra regular, não ocorre jamais com a guerrilha.

No que concerne às *relações entre os comandos*, a guerrilha se caracteriza pelas decisões independentes e os comandos descentralisados. O que ela necessita é sobretudo un certo gráu de coordenação entre unidades visinhas da batalha, uma forma geral de cooperação estratégica entre ela e a ação das unidades regulares, e a cooperação no combate e na campanha, entre unidades regulares e certo número de unidades colocadas à disposição da guerrilha. É impossível para ela possuir ação coordenada estritamente.

Quanto às relações entre a frente e a retaguarda: como a guerrilha tem sua frente de operações muito móvel, em cada base, e porque esta se encontra principalmente na retaguarda do inimigo, isolada, portanto, da retaguarda geral da nação, a guerrilha não tem retaguarda no estrito sentido da palavra. Não se passa o mesmo com os exércitos regulares.

Quanto às tarefas de guerra, ha também uma diferença considerável entre os exércitos regulares e as guerrilhas. A última se empenha no aniquilamento de pequenas unidades inimigas, em ataques aos flancos de grandes fôrças inimigas, e ataques de surpresa sôbre as linhas de comunicações; no estabelecimento de bases de operações independentes na retaguarda inimiga, em operações coordenadas com os exércitos regulares longe das áreas e frentes de guerra.

Ou, em outras palavras:

1 — A guerra regular tem bases estáveis; a guerrilha, no entanto, deve mudar sempre de bases pois o inimigo nunca deve saber de onde veem os golpes que recebe, visto que, localizando essas bases, poderia esmagá-las com fôrças superiores. A experiência mostra que as bases estáveis acarretam perigos; ausência de ação, entorpecimento polí-

tico (experiência dos grandes "maquis" da Saboia, na França). Quando libertada uma parte do território, a organização da guerrilha evolue para a criação de unidades regulares, combina sua tática com a tática do novo exército regular e com formações armadas da população.

2 — A guerrilha se baseia em destacamentos pequenos e móveis de efetivos reduzidos, maleáveis e flexíveis, permitindo a mobilidade, a camuflagem e a infiltração. Ela compreende grupos minúsculos, nas cidades; destacamentos de 20 a 24 homens no campo, podendo as unidades dispersas no terreno ajudar-se mutuamente. É a tática da bola de mercúrio que se desfaz em pequeninas bolas e se reagrupa, que desliza entre os dedos, difícil de apanhar.

3 — Os guerrilheiros têm uma estrategia que não emprega retiradas e sua tática é uma combinação contínua de ataques e recuos alternativos. A retirada chineza de Cantão é um caso excepcional de retirada estratégica de guerrilheiros.

4 — Enquanto a guerra regular se baseia na centralisação de planos, de ordens e de comandos, a guerrilha se caracteriza pela descentralização — isto é: uma direção geral para a ação e o máximo de autonomia das unidades e comando. É a confiança na iniciativa, na fôrça criadora das massas. Essa autonomia deve levar, com o desenvolvimento do nível da luta, à *centralização* militar. Sem chegar à concentração, a guerra popular não pode ser vitoriosa.

Devem incluir-se ainda duas diferenças importantes: as *fôrças morais*, que a guerra popular eleva ao máximo com a educação política e a consciência dos objetivos da luta por parte dos combatentes; e o *armamento* que na guerra popular combina os mais avançados instrumentos

da técnica militar com tôda e qualquer arma e com os engenhos criados pela iniciativa do povo. Os guerrilheiros armam-se com as armas arrancadas ao inimigo. Embora a inferioridade dos patriótas em material seja grande nos primeiros tempos, "não há razão para sôbre estimar o armamento inimigo: êsse armamento deve ser encarado e avaliado levando-se em conta as qualidades pessoais dos que o produzem e dos que dêle se servem".

*

* *

Conhecidas as características da guerrilha e da guerra popular, suas diferenças principais e seus pontos de contáto, trata-se agora de situar bem, dentro de uma luta nacional-libertadora, qual a forma essencial e decisiva da guerra.

Sabemos já que "a guerrilha é parte integrante da estrategia de tôda guerra revolucionária" e que ela "sòmente pode constituir uma forma ou uma etapa dessa guerra se não se separa das massas. Sabemos já que a "guerrilha pode tornar-se ocasionalmente a forma principal de operações numa guerra anti-imperialista e que ela constitui a forma principal e mesmo geral dessa luta na retaguarda do inimigo".

> "Mas, tomando a guerra como um conjunto, *a guerra regular é sem dúvida, a forma básica e principal* e seu papel estratégico e decisivo, *enquanto que a guerrilha é sua auxiliar*. O exército regular é a fôrça básica e principal, as guerrilhas são uma fôrça de segunda categoria, a qual ajuda as fôrças regulares a completarem a execução de suas tarefas de guerra".

O equilíbrio está, pois em

> "não aceitar nem a sôbre-estimação do papel da guerrilha (o que seria um êrro da esquerda) nem

a sua subestimação (o que seria um êrro da direita). A forma básica, principal da operação continua a ser, numa guerra revolucionária, a guerra de movimento. É necessário, portanto, desenvolvê-la enèrgicamente. Em certas condições, definidas, a guerra regular pode transformar-se temporàriamente em guerrilha e vice-versa. Uma e outra devem ser desenvolvidas e se coordenarão segundo as condições e as tarefas da guerra em seu conjunto".

Um exemplo é

"a histórica luta do Exército Vermelho chinês (1927-1936) a qual está cheia de grandes feitos da guerra de guerrilha. Desde o início, foi mantida firmemente uma justa linha política. Numa cadeia contínua de derrotas e vitórias, muitas bases foram criadas, numerosas unidades regulares evoluiram, gradualmente, das fôrças de guerrilhas; a luta de guerrilhas foi amplamente desenvolvida mesmo depois da criação de unidades regulares e multidões de grupos de guerrilhas novamente criadas coordenaram ativamente suas operações com as dos combatentes regulares, em larga escala. Alcançaram-se vitórias sôbre vitórias. Apesar de sua pobreza em armas e de sua inferioridade numérica em relação às fôrças inimigas, as guerrilhas foram estimuladas, tanto em suas operações próprias como nos combates coordenados com o exército principal, pela cooperação serrada das massas, resultantes de um bom trabalho político.

Um grande número de lições preciosas resultou dessa luta; mas a experiência principal foi a ligação entre uma direção política firme, incansável e forte, e um trabalho político criador. Assegurou-se a unidade interna e estabeleceram-

se íntimas relações com o povo. Executou-se uma política em relação às fôrças do inimigo. Tanto no domínio da estrategia como no da tática, efetuou-se uma coordenação adequada da guerra de guerrilhas com a guerra regular. Empregou-se uma tática ágil de guerrilha: deu-se atenção e entusiasmo á criação de *bases* político-militares; e desenvolveu-se, ativamente, a evolução da guerrilha em exército regular. O resultado foi que pudemos manter a guerra durante dez anos, vencer numerosas dificuldades e realizar o objetivo da participação diréta na guerra contra o Japão".

A guerra de guerrilhas pode ser feita não só por pequenas unidades mas também por grandes unidades regulares isoladas na retaguarda do inimigo por motivo do avanço dêste último (ou por outras razões) e colocadas temporária e parcialmente diante de condições e de tarefas novas (comandos e atividades descentralizados, relações diferentes entre a frente e a retaguarda); é o caso das tropas que defendiam Feng-Ling-Tu, o caso das unidades e corpos soviéticos que ficaram isolados em vista do avanço dos alemães em 1941-42. O caminho aí era também a transformação da guerra de guerrilha em guerra de movimento.

Vê-se, assim, que a guerra de guerrilha pode ser executada não sòmente por grupos e corpos de guerrilhas constituidos por massas que se armaram e se organizaram, como exigem as condições particulares do conjunto e as suas tarefas de guerra, mas por unidades regulares temporàriamente colocadas sob condições novas e tarefas novas"...

Nêsse particular, a missão do 8.º Exército chinês consistia em

> "fazer, bàsicamente, a guerra de guerrilha, mas não deixar passar nenhuma oportunidade para executar a guerra de movimento".

De certa maneira, isso representava a materialização do pensamento de Lenin sôbre as unidades de um exército do povo:

> *Não deixar passar nenhuma oportunidade para desferir golpes contra o adversário*".

BASES E ZONAS LIBERTADAS

O que caracteriza, fundamentalmente, uma guerra revolucionária, é a *participação e a cooperação das amplas massas*, em tôrno de um programa político claramente definido; é a criação de uma *base estável,* constituida por zonas libertadas do poder do adversário.

> "O que constitui, fundamentalmente, a estrategia da guerrilha, é a libertação do território, a criação de bases no território inimigo, de onde se expulsa o poder político do adversário; é a ampliação das zonas libertadas, sua transformação em retaguarda estável das fôrças de libertação".

Segundo Mao-Tze-Tung, é

> "impossível uma guerra de guerrilha longa, em território ocupado, sem o apôio de bases. A guerrilha é a guerra sem retaguarda (uma de suas características, pois, está isolada da retaguarda do Estado, isolada em território inimigo). Mas "a guerra de Guerrilha não pode sobreviver por longo tempo e desenvolver-se sem uma *base* e essa base se torna a retaguarda da guerrilha. A ausência de tal base nos privaria dos meios de atingir nossos objetivos de guerra e nossas tarefas estratégicas".
>
> Há várias qualidades de bases: em terreno montanhoso; nas planícies (onde só são indicados des-

tacamentos pequenos e temporários, muito móveis: a guerrilha nas planícies só é indicada em certas estações); em zonas de rios e lagos (onde é possível perturbar o tráfego fluvial e marítimo do inimigo).

Os distritos de guerrilha são o núcleo inicial, a primeira etapa para a formação das bases. Êles se caracterizam por uma ocupação incompleta do terreno, no começo das operações quando, apenas, se escolheu um lugar bom para a concentração e atividades, com uma retaguarda temporária. Com o aniquilamento do inimigo e o desenvolvimento do trabalho de massa, o distrito se transforma numa *base* estável.

Nessas condições, os distritos e as bases da guerrilha chinesa lembram os maquis da Europa, com as zonas progressivamente controladas e em seguida libertadas por êles. A extensão do território e as dificuldades de comunicações são condições favoráveis à rápida ampliação dos distritos em bases. Na Grécia de hoje, o que corresponde aos distritos chineses são os pontos de refúgio e de apôio a que se recolhiam os patriótas perseguidos para os quais a vida se tornava insustentável dentro do terror instaurado nas cidades. A tarefa estratégica consiste em

"dar a maior expansão possível às zonas libertadas e às zonas controladas e reduzir ao mínimo o território ocupado pelo inimigo".

Três são as condições para estabelecer uma base:

primeira condição, a principal: ter um destacamento armado. Sem isso não se podem discutir os demais problemas;

segunda condição, (ligada à primeira): derrotar o inimigo, em cooperação com o povo. Arrebatar ao inimigo as vilas povoadas, fazendas, cidades e regiões que ocupa. Se o inimigo não fôr abatido,

êle poderá retomar amanhã as regiões libertadas pela guerrilha;
terceira condição, levantamento das lutas de massas contra o ocupante ou contra as classes dominantes ao seu serviço. Lutas de massas com todos os meios, inclusive com a utilização da fôrça dos destacamentos armados. Através dessas lutas deve armar-se o povo, formar as guardas locais e reservas para os destacamentos de guerrilhas. Isso permite ampliar sempre as zonas libertadas, consolidá-las, desenvolver a administração com o concurso das organizações de massas (camponesas, femininas, juvenis, profissionais, etc.). O poder do povo não se pode manifestar se êle não tem organização. As administrações, estabelecidas na base da participação das massas, deve dedicar-se à política de frente nacional e a unir tôdas as fôrças e reunir todos os meios contra o inimigo. Não se deve esquecer que a tarefa essencial para estabelecer uma base é galvanizar e organizar as massas, inclusive treiná-las, como fôrças armadas, na luta de guerrilhas".

A ORGANIZAÇÃO MILITAR

Na China, o desenvolvimento da luta fêz nascerem, na retaguarda do inimigo, as *áreas militares*. Segundo a sua extensão, elas compreendem várias categorias: *área maior, sub-área*.

A autoridade suprema para a guerrilha, em tôdas as áreas, está nas mãos do comandante militar e do comissário político. O primeiro tem sob suas ordens, diretamente, o comando do Estado Maior que compreende as seções de um estado maior, o serviço de abastecimento e medicina. O segundo tem sob suas ordens, dirètamente, a chefia do *departamento político* que compreende as seções de-

propaganda, o trabalho entre as tropas inimigas, a organização, os transportes civis e os assuntos gerais.

A fim de harmonizar os assuntos militares e a administração civil, uma área ou sub-área militar pode instituir um *conselho militar político* de sete a oito membros, escolhidos pelas unidades de guerrilhas e as administrações locais. O chefe dêsse *conselho* deve ser o membro de maior autoridade entre os dirigentes da área militar. A população da área militar deve ser armada. As guardas locais passam a desempenhar uma função de relevo como fôrças de defesa da propriedade do povo, de segurança da retaguarda e como fôrças auxiliares no combate. O mesmo cuidado na preparação e ampliação das *reservas* se observa na Itália e na França, como nos países do Leste e Sueste europeu. As *milicias patrióticas* ou *guardas populares*, englobando sobretudo a grande massa operária, asseguram dentro da mesma zona ocupada pelo inimigo, a auto-defesa das ações de massas, a resistência ao terror e a pilhagem por parte do inimigo; elas desenvolvem a confiança das massas em suas próprias fôrças, participam progressivamente da ação militar. Através delas, se amplia a mobilização da população civil para a luta insurrecional ou para a ampliação das áreas conquistadas.

Na China como na Europa, essa mobilização se faz à base de voluntariado. A base principal do voluntariado é a juventude.

Os efetivos se escalonam entre um *máximo* e um *mínimo* para cada unidade: 7 (a 10) combatentes para o grupo de combate; 48 (120) para uma companhia, a qual compreende 2 a 4 seções de 3 grupos; 343 (a 448) para um batalhão; 1.263 (a 1.589) para um regimento de 3 batalhões.

Há diferenças mais ou menos sensíveis entre a organização militar das unidades e do comando da guerrilha na China e na Europa. Vejamos algumas delas, a começar pelos *comandos:* — na China, o comando, tanto de uma

área ou zona militar como das unidades está dividido entre o *comandante militar* da área e o *comissário político*; seus auxiliares imediatos são: o chefe do *Estado Maior*, com suas seções e serviços subordinados; do outro lado, o chefe do *Departamento Político*, com suas diferentes seções específicas: propaganda, contra-espionagem, desagregação das tropas inimigas, informação, saúde, trabalho político em geral. O que convém assinalar em seguida é que:

1.º — Certos serviços, como Informações e Saúde, estão na mão do Comissário Político através do Departamento Político;

2.º — As demais seções de serviços próprios do Estado Maior de unidades regulares estão, diretamente, nas mãos do Chefe Militar, através de seu chefe de Estado Maior.

Essa base de organização, aproximando-se o mais possível da organização das unidades militares regulares, deve facilitar, particularmente, a transformação das unidades de guerrilha em unidades regulares, fator importante de desenvolvimento da luta e de formação de *reservas* do Exército Nacional regular: ela constitui a expressão de uma fase superior da luta nacional contra o invasor, depois de mais de dez anos de resistência armada através da guerra de guerrilhas e da incorporação desta à estrategia geral anti-japonesa. A guerrilha tem como pontos de apôio *zonas libertadas* e *bases* ou *distritos* na retaguarda do inimigo. Não se alude à luta no interior das cidades.

Já na França, a organização militar partiu de formas mais elementares, com o cuidado de incluir, desde o início, os elementos essenciais de sua transformação ulterior em organização militar regular. Os escalões de direção descem do Centro (Comitê Nacional) para os Estados ou Regiões (Comitês Regionais) e para os municípios ou, já diretamente para as unidades constituídas. A organização

se adapta às necessidades de segurança dentro da ação e da vida em plena ilegalidade.

A composição dos comandos é de base ternária: um *responsável político,* que tem a seu cargo o trabalho político no seio da tropa, os efetivos, as ligações com as organizações civis da Resistência (Comitês de Libertação Nacional, a Frente Nacional, as organizações políticas e sindicais). É através dessas organizações que a organização militar recebe os voluntários para o combate; um *responsável militar,* que responde pelo comando diréto dos "maquis" e demais unidades e pelas operações militares. O emprego, ascenso ou modificações no que toca aos quadros de comando, êle os discute com o responsável político; e um *responsável técnico,* sob cujas ordens várias equipes executam tarefas diferentes, correspondentes a várias seções e serviços de um Estado Maior: *material* (armas, confecção de granadas, de fura-pneus, de engenhos explosivos incendiários; obtenção de explosivos, fabricação de minas, impressão de materiais de propaganda, etc.); *abastecimento,* particularmente importante nos "maquis", fora das cidades; *saúde, informações; documentação* e elementos necessários à vida ilegal, sobretudo nas cidades. Cada responsável tem o seu adjunto capaz de substituí-lo em caso de acidente, prisão ou morte. A luta nasce nas cidades através de esquadras de quatro combatentes e grupos de combate de duas esquadras ou sejam 8 homens. Essas unidades são formadas através de: voluntariado individual, feito por intermédio das organizações políticas; grupos de sabotadores, nas fábricas e nas minas; grupos de auto-defesa ou equipes especiais, nas empresas; e, já mais tarde, a partir de 1944, através das milícias patrióticas (ou guardas populares na Itália), ampliação das primeiras equipes de auto-defesa, reserva imediata das unidades de guerrilha.

À proporção que se desenvolvem os efetivos e a própria luta, as diferentes seções do Serviço Técnico tomam

a forma de conjunto de um verdadeiro Estado Maior. Os efetivos das unidades obedecem em geral à base ternária: 3 grupos formam um destacamento: 24 homens, mais o comando; 3 destacamentos formam uma companhia: 72 homens, mais o comando e serviços auxiliares. Os efetivos dos "maquis" (que devem ser ágeis e flexíveis como uma bola de mercúrio) não devem exceder de 25 homens.

Uma organização parecida se observa entre os "partigiani" na Itália: grupos de combate de 5 a 10 combatentes; destacamentos; brigadas; o efetivo máximo admitido para cada concentração nas florestas ou nas montanhas é de 40 homens. Nas grandes cidades, as Guardas Armadas Populares têm objetivos militares definidos, antes e durante a insurreição nacional. Elas combinam e desenvolvem suas missões com a ação reivindicativa e revolucionária da massa da população civil.

De um modo geral, a guerrilha Chinesa se baseia fundamentalmente no campo: "Um dos elos mais fracos de nossas atividades, presentemente, é o movimento operário nas cidades" — indica a carta-testamento de Fan-Chyi-Mim, em 1935. Isso explica o princípio do exército popular chinês no que se refere às grandes cidades: "cercá-las, ocupar as posições exteriores, esperar que as condições amadureçam".

Na França e na Itália, a guerrilha nasce nas cidades. Só a partir de 1942 ela ganha o interior francês, através da resistência à deportação, ao trabalho forçado na Alemanha, aos campos de preparação militar da juventude e a repressão e ao terror instaurados por Vichy. São ainda os habitantes das cidades, sobretudo os operários e a juventude trabalhadora e estudantil, que organizam os primeiros núcleos de concentração e auto-defesa que depois tomariam o nome de "maquis". Ao mesmo tempo que se desenvolve e ganha amplitude nas grandes cidades industriais e nas grandes concentrações mineiras, a luta estende-se ao campo, onde os "maquis" são apoiados e refor-

çados pela adesão dos jovens camponeses que se subtraem à deportação e ao trabalho forçado. Na defesa da propriedade francesa, na luta contra as requisições forçadas, forja-se a união democrática da cidade e do campo, da aliança entre a classe operária e demais patriótas urbanos e o campesinato. Os camponeses abastecem os "maquis", informam, apoiam a sua luta; os combatentes impedem as requisições e, nas zonas libertadas, satisfazem às reinvindicações imediatas da população rural.

Êsse entrosamento da luta, na cidade e no campo, é também a preocupação dos chefes da guerra popular ainda agora, tanto na Grécia como na Espanha. O general Modesto, um dos grandes generais do Exército Popular espanhol, de 1936 a 1939, escreve sôbre a luta atual na sua pátria: "O movimento guerrilheiro, que já tem raízes fortes no campo, deve ligar-se muito mais à classe operária". É indispensável "vincular sempre mais e melhor a luta dos operários e dos guerrilheiros, isto é, unificar a ação na cidade e no campo para que cada combate da classe operária seja correspondido por ações e combates dos guerrilheiros e para que a luta guerrilheira no campo seja apoiada pelas lutas dos operários nas cidades. Sincronizar as atividades dos trabalhadores da cidade e dos camponeses é obrigar o inimigo a dispersar fôrças, é incrementar a luta popular".

A mesma experiência vem da Grécia: "a única resistência eficaz — a da E.A.M. (frente nacional) e a dos E.L.A.S. — reuniu, aos poucos, tôda a nação. Coordenou-se a luta nos campos e montanhas com a luta nas cidades, a luta militar e a luta política".

*

* *

Tais são as linhas gerais do desenvolvimento e da doutrina militar de um exército do povo. É claro que, para

combater nessas condições, o fundamental é um esfôrço intenso, perseverante e infatigável de *organização*. Ao lado do conhecimento da realidade econômica e social de seu país e de sua região, da ligação com as lutas do povo, da visão clara do objetivo a atingir e das perspectivas que se abrem diante da nação, impõe-se a cada combatente o estudo e o trabalho a fim de *dominar inteiramente a arte militar* — não só a arte militar própria do regime dominante, mas sobretudo a arte militar proletária. Sem conhecer a fundo a "técnica militar moderna e os preceitos da tática e da estratégia contemporâneas" e sem "aprender a dominar tôdas as formas de luta", assimilando as experiências e as iniciativas próprias das lutas populares — não estarão os patriótas à altura de suas responsabilidades e de seus deveres para com a nação. Êsse dever é ainda mais imperioso para os quadros, cujas responsabilidades crescem com o próprio desenvolvimento dos meios de que pode dispor o inimigo, pois a guerra contra o imperialismo exige, cada dia mais, um *comando qualificado, conhecimentos teóricos e experiências práticas da ciência militar*. Como o indicam os regulamentos dos Exércitos Populares, "o combatente e o chefe não estão hoje à altura do seu posto se não se aperfeiçoam constantemente, sem jamais deter-se nos conhecimentos adquiridos". E êsse princípio toma um vigor cem vêzes maior para os patriótas brasileiros nos dias de hoje — diante da iminência do perigo de uma nova guerra imperialista, diante do aprofundamento da colonização de nossa Pátria e diante do rápido desenvolvimento das lutas patrióticas do nosso povo, sob tôdas as formas, na cidade e no campo.

*

* *

BIBLIOGRAFIA

(Livros e artigos publicados)

"A guerra civil na U.R.S.S.".

"A guerra de guerrilha dentro da guerra geral anti-imperialista" — Mao-Tze-Tung.

"A guerra de libertação do povo chinês" — Mao-Tze-Tung.

"A grande marcha dos revolucionários chineses" — Shi Pin.

"O movimento de guerrilheiros na grande guerra pela salvação da Pátria" — P. Ponomarenko.

"A insurreição é uma arte" — (Edição do Conselho Nacional de Resistência — França).

"Mobilizar e organizar o povo para a insurreição" — Milão, 1945.

"O Exército Vermelho" — Coronel Makhine.

"Seis meses de ação e lutas de guerrilhas" — Juan Modesto.

"As brigadas Garibaldi no movimento guerrilheiro na Itália" — F. Leone.

AS BARRICADAS NOS COMBATES DE RUAS

AS BARRICADAS NOS COMBATES DE RUAS

"Nem um só social democrata (comunista) que conheça ao menos um pouco de história e tenha estudado, ao grande conhecedor da arte militar, Engels, nunca duvidou da imensa significação dos conhecimentos militares, da imensa importância da técnica militar e da organização militar, como instrumento que utilizam as massas do povo e as classes do povo para a solução dos grandes choques históricos" (O exército revolucionário e o govêrno revolucionário, Lenin — 1905).

Essa verdade, que não deixará de ser verdade enquanto a sociedade fôr dividida em classes, tem um significado objetivo e imediato diante do perigo iminente da guerra imperialista contra os povos de todo o mundo, no último e desesperado esterior do capitalismo moribundo.

Para nós brasileiros, acrescem ainda as contradições internas que põem na ordem do dia, de maneira premente, a solução da revolução agrária e anti-imperialista pela derrubada do govêrno atual, representante das fôrças retrógradas do país e de traição nacional ao serviço do imperialismo ianque e a instauração de um govêrno popular, democrático e progressista.

As lutas das amplas massas pelas suas reivindicações econômicas e políticas, e a resistência patriótica do nosso povo em defesa do patrimônio e soberania nacional contra governantes que pretendem nos transformar em colônia ianque e de "carne de canhão" ao serviço de Wall Street,

estas lutas cada vez mais altas e vigorosas, tendem a desembocar em choques armados que se precipitarão no caso de guerra declarada, pela transformação imediata da guerra imperialista em guerra de libertação nacional.

Nada mais necessário, portanto, que nós, comunistas, como vanguarda da classe operária e do nosso povo, procuremos, de modo enérgico e tenás, não só nos capacitarmos sôbre os assuntos militares sôbre os quais Lenin chama a atenção, como de levar a todo povo êstes conhecimentos a fim de nos pôrmos à altura dos "choques históricos" que já nitidamente se apresentam no horizonte.

ESPÍRITO OFENSIVO

Marx e Engels nos ensinam: "A defensiva é a morte de tôda insurreição armada; na defensiva a insurreição está perdida antes já de medir fôrças com as do inimigo".

Assim, e só assim, com um firme espírito ofensivo, poder-se-ão levar as massas populares à vitória. É necessário que todos os dias, tôdas as horas sejam alcançados êxitos que elevem cada vez mais o moral dos combatentes e a confiança em suas próprias fôrças. "Audácia, audácia e sempre audácia", lema de Danton, tem que ser o lema do povo em armas.

Mas, ao lado do ardor combativo, é necessária a previdente preparação de planos, e organização de meios de armar as grandes massas levantadas e ardorosas para participar da luta.

Devemos sempre nos recordar das massas operárias de Moscou, em 1905, bradando por armas até o último momento do esmagamento da insurreição.

Vários são os aspectos, e todos importantes, nas medidas pròpriamente militares a serem tomadas para ações armadas populares; aqui pretendemos apenas coligir alguns dados sôbre uma parte mínima dos combates de rua, como seja o das barricadas, e sem intenção de esgotá-lo.

BARRICADAS

Como conciliar a importância das barricadas com o necessário espírito ofensivo? Não trás em si, a barricada, a idéia de defensiva?

Marx diz: "a insurreição é uma arte". Portanto os meios a serem empregados nêle não podem ter um valor estático, dependem do modo como são utilizados e em que determinada situação o são.

Realmente, uma barricada que seja levantada com o fim de servir de trincheira e, portanto para que atrás dela se abriguem os combatentes como proteção, a fim de poderem atirar, é sem dúvida, um meio defensivo, o qual pode ser justo numa determinada situação, mas que não pode servir de padrão à barricada como forma de luta de nossos dias.

Ao mostrar como as formas de luta armada variam e acompanham o desenvolvimento da técnica, assim se refere Lenin, em 1906, sôbre as barricadas: "A social-democracia admitiu a luta de barricadas na década de 40 do século XIX, rechaçou-a baseando-se em dados concretos em do século XIX, declarou-se plenamente disposta a re-examinar esta última opinião e a reconhecer a utilidade luta de barricadas depois da experiência de Moscou (1905) que fêz nascer, segundo Kautsky, uma nova tática das barricadas".

Por que antes era admitida e depois rechaçada? Porque, como trincheira frente às armas das fôrças regulares da época, era útil; entretanto, com o aperfeiçoamento do armamento já se tornava inútil e também porque a topografia das cidades ia sendo mudada, as ruas estreitas e tortuosas iam sendo substituidas por ruas largas e retas e as principais se transformavam em amplas avenidas, tornando assim os defensores das barricadas vulneráveis aos tiros diretos da artilharia.

Como então, depois de 1905, acentuando-se portanto

os mesmos fatôres que a rechaçaram, os ensinamentos das lutas de dezembro dêsse ano em Moscou, fizeram que se re-examinasse o assunto, e surgissem uma "nova tática das barricadas?" Qual o fato novo?

Os ensinamentos das lutas de Moscou enriqueceram a técnica insurrecional, fundamentalmente, com a criação dos grupos armados, os quais mudaram radicalmente a utilização da barricada que, de meio defensivo, passou a ser base para ações ofensivas. Ela deixou de ser mera trincheira para converter-se em obstáculo ao trânsito das tropas inimigas, assegurando assim, no seu conjunto, uma zona protegida onde se concentravam e se articulavam as fôças insurrecionais para ataques aos objetivos previstos pelo comando. Ela tinha, à sua frente, grupos que patrulhavam as ruas atacando o inimigo e nela se apoiando para receberem reforços. Foi a criação dêsses grupos que agiam na frente delas e em caso de ataque inimigo, sempre à sua frente, as defendiam em uma "defesa ativa" com contra-ataques e envolvimentos, que fêz surgir a "nova tática" das barricadas e, assim a justifica como forma de luta, até os dias de hoje.

A combinação estreita dêsses pequenos grupos, ágeis e flexíveis, com as barricadas, não só concilia o necessário espírito ofensivo com o levantamento de barricadas pelas massas em luta nas cidades, mas impõe o emprêgo conjunto. Assim, a não ser em casos especiais, a barricada deixa de ser a trincheira para se converter em obstáculo à passagem do inimigo e, portanto, protegendo uma zona de linhas interiores e permitindo que à sua frente os grupos combatam sem os riscos de um envolvimento de envergadura, garante a ligação, o envio de reforços e um fácil acolhimento em caso de recuo.

A defesa de uma barricada, não está mais, pròpriamente, nas suas seteiras: ela repousa nos combatentes que ocupam as casas que a flanqueiam, isto é, as casas da rua em que foi levantada.

Sua defesa ativa condiciona assim, o local em que deve ser levantada, na própria quadra da rua prevista.

Quase sempre, a necessidade imediata de assegurar a zona protegida, faz com que as barricadas sejam levantadas desde o minuto inicial, e portanto com meios ainda precários. Esta barricada provisória, podemos chamá-la assim, deve situar-se no terreno médio da quadra, permitindo assim que atrás dela se levante a efetiva, a uma distância que possibilite a construção do seu fosso anti-tanque.

Quanto mais próxima da esquina da frente — e assim, com menor número de casas laterais para protegê-la e atirar sôbre o inimigo que penetre no corredor batido — tanto mais fácil é de ser ela flanqueada. E como uma barricada flanqueada perde o seu valor militar, quanto mais afastada estiver da esquina da frente, tanto melhor, pois neste caso mais difícil se tornará o seu envolvimento.

Dentro de um plano geral, escolhidas as faixas de quarteirão que vão circundar as zonas de segurança nos planos particulares de cada bairro ou setor, a localização das barricadas e o modo de levantá-las deve ser estudado prèviamente de maneira que cada uma delas fique a cargo dos moradores das proximidades e, se possível, da própria rua.

Sem pretender classificar em itens as medidas a serem tomadas, podemos citar algumas que se entrozarão com a explanação posterior:

a) as barricadas devem situar-se, preferentemente, entre duas casas altas e de edificação resistente;

b) se a quadra não fôr reta, situá-la em ponto que não seja batida por armas colocadas no prolongamento da rua;

c) a barricada provisória deve ser levantada o mais ràpidamente possível; para isso pode-se utilizar um veículo e completá-la com o material que tiver a mão (móveis, caixotes, terra, pedra, muros ou paredes derrubadas, etc.);

d) simultaneamente, se possível, iniciar o levanta-

mento da barricada efetiva, com material mais resistente, atravessando fortes traves bem escoradas (troncos de árvores, postes, trilhos) e construindo muros de paralelepipedos ou tijolos com bastante profundidade. O aperfeiçoamento continuado da barricada nunca é demais, se levarmos em conta tiros de artilharia ou os tanques atuais;

e) contra tanques a defesa mais eficiente é o fosso, batido por nossos fogos. Êste deve ser de 6 metros de comprimento por 2 de profundidade; deve tomar tôda a largura da rua e, condição imprescindível, deve ter as paredes verticais e resistentes. Deve ser feito ao mesmo tempo que a barricada efetiva, aproveitando-se nela a pedra e a terra nêle retirados;

f) as casas de ambos os lados da rua devem ser imediatamente ocupadas por combatentes, assim como o lado das casas da rua transversal, que dá a frente para um possível ataque inimigo (A ocupação da casa da transversal, tanto à direita como à esquerda, deve atingir de cada lado, a última casa ocupada pelos combatentes das barricadas dos flancos).

g) as entradas térreas das casas ocupadas devem ser obstruidas e os combatentes devem organizar suas seteiras nos andares superiores e nos telhados;

h) a comunicação e o trânsito entre as casas ocupadas até a retaguarda da barricada, devem ser feitos por buracos nas paredes laterais dos andares superiores, quando juntas, ou por buracos nos muros dos quintais quando separados;

i) para a saida ou entrada dos patrulheiros ou combatentes para um contra-ataque, devem ser preferentemente escolhidas as portas de aço por não precisarem de reforços internos, na sua obstrução (para veiculos devem ser escolhidas nos quarteirões previstos portas de aço bastante largas e por meio de derrubamentos de paredes internas e muros devem ser assegurados a passagem dêles

pelos quintais quando tiverem que sair ou entrar na zona de segurança);

j) nas casas ocupadas devem-se tomar as seguintes medidas:

1 — desligar a luz para evitar curtos-circuitos;

2 — encher de água todos os recipientes possíveis (banheiras, tanques, pias, latas e panelas) para apagar incendios, beber ou para fervê-la como último recurso de agressão aos invasores;

3 — fechar as janelas e nelas abrir só as seteiras necessárias ou então tapá-las com roupas de cama, de modo a manter o interior na penumbra e evitar que penetrem por elas granadas de mão (se possível as janelas que não forem trancadas, devem ser revestidas com telas de arame);

4 — as posições para atirar, jogar granadas ou qualquer meio contundente, devem ser escolhidas para bater desde o meio da rua até as casas que ficam em frente (nas perpendiculares, isto é, nas que foram levantadas as barricadas) por ser a missão principal a dos combatentes de um lado da rua, não só protejer da invasão as casas do outro lado, mas também apezar de menos fácil, protejer posições que lhes sejam possíveis de atingir os invassores que pretendam penetrar na sua ou nas casas próximas.

COMBATES DE RUA

As barricadas como obstáculo ao trânsito do inimigo montado, motorizado ou mecanizado e a ocupação das casas para protegê-las de envolvimento por tropa a pé, não podem ser desligadas das ações ofensivas que delas partem e que nelas se apoiam.

Os combatentes ocupantes das casas da faixa protetora da zona de segurança não irão permanecer estáticos

nos seus postos à espera de um possível ataque inimigo (que pela extensão da faixa não pode ser em tôda duração da luta um ponto de combate); isto seria subverter todo o espírito da "nova tática das barricadas" e cair na mais criminosa defensiva. Dentro de planos anteriormente previstos, êsses combatentes terão tarefas de ordem tática que irão desde os patrulhamentos de reconhecimento nas frentes que lhes toca, até as ações de ocupação de pontos importantes que permitam o desembocar de fôrças para ações ulteriores.

Daí a necessidade de todos os combatentes estarem organizados em grupos e procurando armar-se com suas próprias mãos, porque, como diz Lenin — "Todos e cada um dos que queiram figurar ao lado da liberdade devem unir-se imediatamente em grupos de combates de 10, de 5, de 3; agrupações livres de uma mesma profissão, e uma mesma fábrica ou de homens ligados pela camaradagem, pelos laços do partido e, em fim, simplesmente, pela vizinhança (a mesma aldeia, a mesma casa na cidade)". "Que se armem êles mesmos, com o que cada um possa, um com revolver, outro com uma faca, outro com uma estopa impregnada de petróleo para provocar incêndios, etc.".

"Um grupo de combatentes que não sabem atirar ou que não tenham conseguido armas ajudará a levantar barricadas, a fazer reconhecimentos, a organizar ligações, a preparar emboscadas ao inimigo, a incendiar um prédio onde se tenha fortificado o adversário, a ocupar casas ou andares que possam servir de base aos insurgentes, em uma palavra, milhares de funções as mais diversas serão cumpridas pelos grupos soltos de homens decididos a matar ou a morrer, que conheçam magnìficamente o terreno e que estão ligados da maneira mais estreita com a população".

Quando as massas tomam em suas mãos a defesa de seus interêsses e sob direção firme e acertada se jogam na luta contra os seus opressores, tornam-se uma fôrça

invencível e são portanto capazes de enfrentar com êxito as tropas regulares, sejam quais forem os meios técnicos de que estas disponham.

Daí, a preocupação dos técnicos militares do imperialismo em instruir suas tropas com regulamentos que possam enfrentar as lutas populares que irão ter pela frente, ao pretenderem levar a efeito a desesperada aventura de dominar aos povos do mundo inteiro.

Em uma dessas circulares de instrução do Exército Americano, a de n.º 41, encontramos: Todos os civis devem ser examinados com o máximo cuidado, pela possibilidade de serem os mesmos agentes do inimigo ou guerrilheiros".

Depois vêm as queixas mostrando como é difícil a uma tropa regular utilizar seus meios contra combatentes em uma cidade; essas questões devem ser conhecidas pelo povo. Ei-las aqui: "As ruas e avenidas convidam ao movimento, mas constituem corredores prontamente varridos pelo fogo". "A observação e os campos de tiro são limitados". "Operações de veículos mecanizados são ordinàriamente muito restritas e canalizadas, pois êstes ficam sujeitos a ação do fogo, a pequenas distâncias, por várias armas. Os carros de combate, em tais condições, levam maior desvantagem ainda pela dificuldade de empregar suas armas contra as partes superiores e embasamentos dos edifícios". "A estreita proximidade entre as fôrças oponentes limitará a eficácia do apôio imediato fornecido pelo avião e pela artilharia". "As transmissões serão precárias, tornando-se imperativa a descentralização do comando até as pequenas unidades". A razão desta última queixa ser pela reação muito sentida, mais do que pelos escalões, é a obrigatoriedade da descentralização do comando até as pequenas unidades, surgindo aí o perigo de que os soldados confraternizem com as fôrças populares

A descentralização torna pois mais fácil às fôrças insurrecionais a luta pela conquista dos soldados, o que é

antes e durante a luta, uma das tarefas fundamentais de tôda a insurreição.

Lenin mostrando os ensinamentos a serem tirados da luta em Moscou em 1905, nos diz: "A insurreição de Moscou nos mostra precisamente a luta mais desesperada e mais furiosa estabelecida entre a reação e a revolução pelo Exército". "Na realidade, a vacilação da tropa, inevitável em presença de todo movimento verdadeiramente popular, conduz, quando a luta revolucionária se faz mais aguda, a uma verdadeira *luta pelo exército*".

Nêsse regulamento de "War Department", assinado por Marshall e imposto por Dutra como manual de instrução ao nosso Exército, se confessa que "Grandes quantidades de granadas de mão serão necessárias para o combate *de casa em casa* e que é necessário "desobstruir as vias de comunicação, incluindo a remoção das barricadas existentes".

Apesar de serem instruções com que pretendem jogar nossos soldados contra o nosso povo, podemos e devemos tirar ensinamentos que vão servir para esmagar os seus próprios autores nazi-ianques e seus agentes nacionais da Pátria.

Aquí estão algumas instruções de Marshall que podemos utilizar contra êle e seus comparsas: "Nos combates de *casa em casa* — granadas de mão são essenciais — e deve-se usar sapatos de borracha ou de solas de corda", ou então "meias calçadas por cima dos sapatos ou panos fixados nos mesmos". "Para escalar um muro, será de valor inestimável o emprêgo de uma corda tendo uma laçada em uma extremidade e um curto pedaço de pau na outra. Várias cordas de escalar, dêsse tipo, poderão ser emendadas uma nas outras, para a escalada dos muros mais altos. Ligando um gancho de ferro a uma das extremidades, poder-se-á fàcilmente escalar paredes, passar de um edifício para outro ou ainda atingir uma janela relativamente alta".

"Os locais que permitem cobertura devem ser escolhi-

dos com antecedência. É tarde demais quando se procura um abrigo sob a ação do fogo". "No combate, grande número de baixas desnecessárias resultam a mais das aglomerações do que de qualquer outra causa. Isto é especialmente verdade no combate de casa em casa". "Quando se aproximar das esquinas, faça-o com precaução. Cole-se às paredes e muros das fachadas, desloque-se ràpidamente de coberta em coberta. Transponha ràpidamente as cumieiras dos telhados e os muros, não exponha seu busto e cabeça. Procure criar diversões de modo a distrair temporàriamente a atenção do inimigo e aproveite em tempo a situação". "Quando agirmos a pequena distância poucos homens, bem instruidos e comandados, poderão realizar mais do que um efetivo maior empregado sem necessidade".

Quando há razão para crer que o inimigo armado ocupa um quarto, é um suicídio penetrar no mesmo sem ter prèviamente matado ou posto fóra de ação o adversário. É muito mais seguro fazer um pequeno furo na parede, através do qual é lançado uma granada para o interior. Limpar então imediatamente o quarto de seus ocupantes. Ao furar uma parede, tome precauções para proteger-se do fogo inimigo através do orifício: mantenha o buraco coberto para que o inimigo não se antecipe, lançando através do orifício". "O inimigo que defende uma dependência poderá levantar uma barricada em um canto para se proteger contra as granadas. Não suponha que o arrebentamento de uma granada no quarto tenha matado todos os inimigos. Muita atenção com a barricada e tenha uma granada pronta para lançar sôbre a mesma".

"O inimigo habitualmente procurará manter fortemente a posse do andar térreo da casa, retraindo-se para a parte superior quando foi forçada uma entrada na parte térrea. Sempre que possível, atacar um edifício pela parte superior, é mais fácil a ação de cima para baixo. O movimento através dos telhados ou dos rombos feitos nas pa-

redes dos andares superiores facilitará muito êste modo de ataque". Antes de lançar granadas sôbre janelas ou portas certifique-se de que não estão protegidas com rede de arame".

"Frequentemente as portas estão fechadas à chave, com tranca e barricadas colocadas pelo inimigo. Em tais casos, é mais fácil procurar uma entrada por uma janela ou através de um buraco a ser aberto na parede". Inspecione a casa, do sótão à adega. É fatal deixar à retaguarda uma casa ocupada pelo inimigo. Durante a inspeção procure aberturas feitas nas paredes pelo inimigo, para poder entrar e sair ràpidamente do prédio. Frequentemente tais aberturas estão disfarçadas atrás de móveis, sob as escadas e nas adegas ou porões".

"Empregam-se meios simples para identificar os edifícios ocupados pelo inimigo e os que já foram limpos pela tropa amiga. O emprêgo de marcas feitas com giz é muito eficiente".

"A área edificada a ser defendida deverá estar situada de tal modo em relação ao conjunto defensivo que o inimigo seja forçado a um ataque direto ou a uma manobra morosa. Uma posição suscetível de ser fàcilmente evitada tem fraco valor defensivo". "As metralhadoras destinadas à defesa imediata, são instaladas a altura do nível do solo, de tal modo a se obter rasarrela de fogos sôbre as avenidas e ruas prováveis de aproximação do inimigo".

Essas instruções, é claro, são dirigidas contra fôrças populares e servirão sob o ângulo que nos interessa. Assim, o "meio eficiente" de marcar as casas já limpas, com giz, interessa conhecê-lo para causar confusão no inimigo, marcando da mesma forma as posições que nos interessam. Não é por acaso que não se encontram nelas medidas contra tanques e que são imprescindíveis para os combates populares. Além dos fossos já mencionados e que servem para não permitir a passagem de quaisquer veículos,

para a destruição de tanques os meios mais ao alcance do povo são:

1) no caso de se ter apoderado de granadas de mão (defensivas), cinco a seis delas presas entre si e jogadas em baixo de um tanque, o imobilizam pela destruição das lagartas. Uma corda estendida ao nível do chão, entre duas casas fronteiras, tendo presas ao meio as granadas poderá ser puxada pelas pontas de modo a fazer com que o tanque as esmague ao passar. Deve-se camuflá-las o melhor possível para o tanquista não as ver.

2) garrafas incendiárias de fácil confecção (pois basta estarem cheias de gazolina e disporem de mechas acesas ao serem lançadas) obrigam, pelo calor sufocante, os seus ocupantes de sairem pela cúpola e tornarem-se assim, alvo de qualquer arma.

Um dos meios mais fáceis de imobilizar veículos que tenham câmaras de ar é o de se jogar, por onde êles tenham de passar, os fura-pneus, que não são mais do que três pequenas hastes de aço ponteagudas, soldadas nas extremidades de modo que ao cair sempre uma delas fique para cima.

Contra jeeps e motocicletas surte efeito estenderem-se cabos de aço ou fortes cordas a altura de um metro e meio. Contra cavalaria, a altura deve ser de uns setenta centímetros e ainda podem ser usados com êxito, rôlhas para fazerem os cavalos cair ou pequenos pedaços de cabo de vassoura.

Os meios de agressão e emboscadas são sem conta diante da iniciativa criadora das massas e se multiplicarão no decorrer da luta. Entretanto, as granadas, principal arma de combate popular nas lutas de rua, podem e devem ser feitas com antecedência por todos aquêles que disponham de um mínimo de meios necessários e compreendam tôda a importância dessa arma quando nas mãos do povo.

Sôbre sua importância Lenin já dizia em 1906: "A

bomba deixou de ser a arma do "dinamiteiro terrorista" individual e passou a ser o *elemento necessário* ao armamento do povo". "Não haverá fôrça que possa enfrentar destacamentos de Exército revolucionário que estejam dotados de bombas e que atrás dêles — e esta última condição é a mais importante — se levantem centenas de milhares de operários.

Qualquer pedaço de cano e até pequenas latas, cheias de explosivo detonante (como o dinamite de pedreiras) com um detonador e um estopim, eis ai uma bomba ou granada. Fazê-la mais eficiente, mais simples, etc. deve ser uma preocupação constante, mas para o espírito criador do povo não há obstáculos dessa natureza e como diz Lenin: "Em tôdas as partes é possível preparar bombas". "A insurreição armada é um aspécto especial da luta política".

O estudo e o conhecimento da técnica militar e, particularmente aquelas ligadas às lutas revolucionárias do povo em que as massas combatem, com meios de agressão precários, contra as fôrças da reação muitíssimas vêzes melhor organizadas e equipadas, por isso mesmo merecedores do mais tenaz esfôrço de todo comunista — não podem de modo algum ser desligados, na sua aplicação, do fator político fundamental — ao qual se condicionam tôdas as formas de luta.

Nunca é demais para um revolucionário levar em conta o perigo de uma possível deformação causada pelos estudos técnico-militares insurrecionais; essa deformação se caracteriza em ver os movimentos revolucionários como um problema técnico, sem compreender o significado fundamental e representado pelas condições objetivas e subjetivas existentes em determinada situação.

A experiência histórica caracteriza no revolucionário francês Augusto Blanqui, um dos heróis da Comuna de Paris. Êsse êrro pequeno burguês com o nome de "blanquismo" supunha que por meio de conspirações de um pu-

nhado de revolucionários, sem contato com as massas e sem apôio destas, se podia mudar o regime social.

Nada melhor do que as palavras de Stalin para nos pôr ao par da verdadeira linha marxista: "Creio que os bolcheviques se assemelham a Anteu, o herói da mitologia grega. Da mesma forma que Anteu, são fortes, porque mantêm contatos com sua mãe, as massas, que os deram à luz, criaram e educaram. E enquanto mantiverem, o contato com sua mãe, o povo, contam com tôdas as possibilidades de serem invencíveis. Nisto está a chave do porque é invencível a direção bolchevique" (Sôbre as deficiências do trabalho do Partido).

ÍNDICE

Deve ser lido por quantos queiram estar despertos e atentos ao grave perigo que ameaça a humanidade e que desejem agir na hora oportuna para salvar o Brasil das terríveis maquinações dêsse inimigo do Gênero Humano.

Fazer êste livro ser lido pelo maior número de pessoas, difundí-lo em tôdas as classes, principalmente entre a mocidade, é dever de todo homem cristão e patriota e é interêsse de quantos temam a implantação do terrível regímen no Brasil.

É livro para ser enviado a amigos, a pessoas de nossas relações, procurando atingir o maior número daqueles que, por ignorarem as intenções tenebrosas do bolchevismo, podem de boa fé servir-lhe de instrumento.

A receptividade alcançada por êste livro será a justa recompensa do nosso esfôrço.